

PRIMEIRAS TROVAS BURLESCAS DE GETULINO

Luís da Gama

.....  
*Contudo se vir alguém  
Que deles zombe, e de mim,  
Defende-me, e dize assim:  
Cada qual dá o que tem.  
Faustino Xavier de Novais*

PRÓTASE

*Embora um vate canhoto  
Dos loucos aumente a lista.  
Seja cisne ou gafanhoto  
Não encontra quem resista  
Dos seus versos à leitura,  
Que diverte, inda que é dura!  
Faustino Xavier de Novais*

No meu cantinho,  
Encolhidinho,  
Mansinho e quedo,  
Banindo o medo,

Do torpe mundo,  
Tão furibundo,  
Em fria prosa  
Fastidiosa –  
O que estou vendo  
Vou descrevendo.  
Se de um quadrado  
Fizer um ovo  
Nisso dou provas  
De escritor novo.

Sobre as abas sentado do Parnaso,  
Pois que subir não pude ao alto cume,  
Qual pobre, de um Mosteiro à Portaria,  
De trovas fabriquei este volume.

Vazios de saber, e de prosápia,  
Não tratam de Ariosto ou Lamartine  
Nem rescendem as doces ambrosias  
De Lamires famoso ou Aretine<sup>1</sup>.

São ritmos de tarelo, atropeladas,  
Sem metro, sem cadência e sem bitola  
Que formam no papel um ziguezague,  
Como os passos de rengo manquitola.

Grosseiras produções d'inculta mente,  
Em horas de pachorra construídas;  
Mas filhas de um bestunto que não rende  
Torpe lisonja às almas fementidas.

São folhas de adurente cansação,  
Remédio para os parvos d'excelência;  
Que aos arroubos cedendo da loucura,  
Aspiram do *poleiro* alta eminência.

E podem colocar-se à retaguarda  
Os veteranos sábios da influência;  
Que o trovista respeita submisso,  
Honra, pátria, virtude, inteligência.

Só corta com vontade nos malandros,  
Que fazem da Nação seu Montepio;  
No remisso empregado, *sacripante*,  
No lorpa, no peralta, no vadio.

À frente parvalhões, heróis Quixotes,  
Borrachudos Barões da traficância;  
Quero ao templo levar do grão Sumano  
Estas arcas pejudadas de ignorância.

#### LÁ VAI VERSO

*Quero também ser poeta,  
Bem pouco, ou nada. me importa  
Se a minha veia é discreta,  
Se a via que sigo é torta.*  
Faustino Xavier de Novais

Alta noite, sentindo o meu bestunto  
Pejado, qual vulcão de flama ardente,  
Leve pluma empunhei incontinente  
O fio das idéias fui traçando.

As Ninfas invoquei para que vissem  
Do meu estro voraz o ardimento;  
E depois revoando ao firmamento,  
Fossem do *Vate* o nome apregoando.

Oh! Musa de Guiné, cor de azeviche,  
Estátua de granito denegrado,  
Ante quem o Leão se põe rendido,  
Despido do furor de atroz braveza;  
Empresta-me o cabaço *d'urucungo*<sup>2</sup>,  
Ensina-me a brandir tua *marimba*,  
Inspira-me a ciência da *candimba*<sup>3</sup>,

As vias me conduz d'alta grandeza.

Quero a glória abater de antigos vates,  
Do tempo dos heróis armipotentes;  
Os Homeros, Camões – aurifulgentes  
Decantando os *Barões* da minha Pátria!  
Quero gravar em lúcidas colunas  
O obscuro poder da parvoíce  
E a fama levar de vil sandice  
Às longínquas regiões da velha Bácia!

Quero que o mundo me encarando veja,  
Um retumbante *Orfeu de carapinha*,  
Que a Lira desprezando, por mesquinha,  
Ao som decanta da Marimba augusta;  
E, qual Arion entre os Delfins,  
Os ávidos piratas embaíndo –  
As ferrenhas palhetas vai brandindo  
Com estilo que preza a Líbia adusta.

Com sabeiça profusa irei cantando  
Altos feitos da gente *luminosa*,  
Que a trapaça movendo potentosa  
A mente assombra, e pasma à natureza!  
Espertos eleitores de *encomenda*,  
Deputados, Ministros, Senadores,  
Galfarros<sup>4</sup> Diplomatas – chuchadores,  
De quem reza a cartilha de esperteza.

Caducas Tartarugas – desfrutáveis,  
Valharrões tabaquentes – sem juízo,  
Irisórias- fidalgas – de *improviso*,  
Finórios traficantes – *patriotas*;  
Espertos maganões, *de mão ligeira*,  
Emproados juizes de *trapaça*,  
E outros que de honrados têm *fumaça*,  
Mas que são refinados agiotas.

Nem eu próprio à festança escaparei;  
Com foros de *Africano fidalgote*,  
Montado num *Barão* com ar de zote –  
Ao rufo do tambor, e dos zabumbas,  
Ao som de mil aplausos retumbantes,  
Entre os netos da Ginga, os meus parentes,  
Pulando de prazer e de contentes –  
Nas danças entrarei d'altas *caiumbas*<sup>5</sup>.

JUNTO À ESTÁTUA  
(No Jardim Botânico de São Paulo)

*Já a saudosa Aurora destoucava  
Os seus cabelos de ouro delicados,  
E as boninas nos campos esmaltados  
De cristalino orvalho borrifava  
Camões – Sonetos*

Em plácida manhã serena e pura,  
Sentado à borda de espaçoso lago;  
O corpo recostado em frio marmor,  
Tórridos membros sobre a terra quedos,  
Qual tímido Tritão de amor vencido,  
Transpondo as serras, iracundos mares,  
D'Aurora o berço perscrutando ousado,  
Dolorosos suspiros exalava  
Meu frágil peito da natura escravo.  
Já nas fúlgidas portas do Oriente<sup>6</sup>,  
Trajando púrpura majestoso assoma<sup>7</sup>  
Luzeiro ardente, que expandindo os raios,  
Deslumbra os olhos, e a razão sucumbe;  
E, com furtiva luz, pálidas fogem<sup>8</sup>  
Notívagas esferas cintilantes.  
As brandas auras perfumadas vinham  
De grato aroma que invejara Meca,  
Nos tortos ramos assoprar de manso.

Em nuvens brancas lá do céu caía  
Pranto saudoso que derrama a Aurora,  
Que a terra orvalha, que floreia os prados.

Volátil bando de ligeiras aves,  
Brandindo as asas pelo ar brincavam,  
Modulando canções, ternas endechas<sup>9</sup>.

Longe do mundo, das escravas turbas,  
Que o ouro compra de aventos, Cresos<sup>10</sup>,  
A minh'alma aos delírios se entregava,  
A sombra de ilusões – de aéreos sonhos.

Formosa virgem de nevado colo,  
De garços olhos, de cabelos louros;  
Sanguíneos lábios, elegante porte,  
Mimoso rosto de Ericina bela,  
Curvando o seio de alabastro fino,  
Mimosa imprime nos meus lábios negros  
Gostoso beijo de volúpia ardente! –  
Vencido de prazer, nadando em gozos,  
Já temeroso pé movendo incerto,  
Vôo com ela às regiões etéreas  
Nas tênues asas de ternura infinda.

.....  
Rasgando o véu das ilusões mentidas,  
Que est' alma frágil seduzir puderam,  
Imóvel terra, cambiantes flores,  
Viram meus olhos no romper da Aurora;  
E dentre os braços, que cerrados tinha,  
Gelada estátua de grosseiro mármore!...

Cândidas boninas,  
E purpúreas rosas,  
Violetas roxas  
Do luar saudosas!

Verdejantes murtas,  
Redolentes cravos,  
Lindas papoulas  
Da donzela escravos,

Ao soprar da brisa,  
Em balanço undoso,  
O mortal encantam  
Num sonhar gostoso.

Mas fugindo as nuvens  
– Que a ilusão fulgura,  
Só vagueia à sombra  
Da infernal ventura.

#### SORTIMENTO DE GORRAS (Para gente de grande tom)

*Seja um sábio o fabricante,  
Seja a fábrica mui rica,  
Quem carapuças fabrica  
Sofre um dissabor constante:  
Obra pronta, voa errante,  
Feita avulso, e sem medida;  
Mas no vôo suspendida,  
Por qualquer que lhe apareça,  
Lá lhe fica na cabeça,  
Té as orelhas metidas.*

Faustino Xavier de Novais

Se o grosseiro alveitar ou charlatão  
Entre nós se proclama sabichão;  
E, com *cartas* compradas na Alemanha,  
Por anil nos impinge *ipecacuanha*<sup>11</sup>;  
Se mata, por honrar a Medicina,  
Mais voraz do que uma ave de rapina;

E num dia, se errando na receita,  
Pratica no mortal cura perfeita;  
Não te espantes, ó Leitor, da novidade,  
Pois tudo no Brasil é raridade!

Se os *nobres* desta terra, empanturrados,  
Em Guiné têm parentes enterrados;  
E, cedendo à prosápia, ou duros vícios,  
Esquecendo os negrinhos seus patrícios;  
Se mulatos de cor esbranquiçada,  
Já se julgam de origem refinada,  
E curvos à mania que domina,  
Desprezam a *vovó* que é preta-mina: –  
Não te espantes, ó Leitor, da novidade,  
Pois tudo no Brasil é raridade!

Se o Governo do Império Brasileiro,  
Faz coisas de espantar o mundo inteiro,  
Transcendendo o Autor da geração,  
O jumento transforma em *sor Barão*;  
Se o estúpido matuto, apatetado,  
Idolatra o papel de mascarado;  
E fazendo-se o lorpa<sup>12</sup> deputado,  
N'Assembléia vai dar seu – *apolhado*!  
Não te espantes, ó Leitor, da novidade,  
Pois tudo no Brasil é raridade!

Se impera no Brasil o patronato,  
Fazendo que o Camelo seja Gato,  
Levando o seu domínio a ponto tal,  
Que torna em sapiente o *animal*;  
Se deslustram honrosos pergaminhos  
Patetas que nem servem p'ra meirinhos  
E que sendo formados Bacharéis,  
Sabem menos do que pecos bedéis:  
Não te espantes, ó Leitor, da novidade,  
Pois que tudo no Brasil é raridade!

Se temos Deputados, Senadores,  
Bons Ministros, e outros chuchadores;  
Que se aferram às tetas da Nação  
Com mais sanha que o Tigre, ou que o Leão;  
Se já temos calçados – *mac-lama*<sup>13</sup>,  
Novidade que esfalfa a voz da Fama,  
Blasonando as gazetas – que há progresso,  
Quando tudo caminho p'ro regresso:  
Não te espantes, ó Leitor, da pepineira,  
Pois que tudo no Brasil é chuchadeira!

Se contamos vadios empregados,

Porque são de potências afillhados,  
E sucumbe, à matroca, abandonado,  
O homem de critério, que é honrado;  
Se temos militares de trapaça,  
Que da guerra jamais viram fumaça,  
Mas que empolgam chistosos ordenados,  
Que ao povo, sem sentir, são arrancados:  
Não te espantes, ó Leitor, da pepineira,  
Pois que tudo no Brasil é chuchadeira!

Se faz oposição o Deputado,  
Com discurso medonho, enfarruscado;  
E pilhado a maminha da lambança,  
Discrepa do papel, e faz mudança;  
Se esperto capadócio ou maganão,  
Alcança de um jornal a redação,  
E com quanto não passe de um birbante,  
Vai fisingando o metal aurissonante:  
Não te espantes, ó Leitor, da pepineira,  
Pois que tudo no Brasil é chuchadeira!

Se a guarda que se diz – Nacional,  
Também tem caixa-pia, ou musical,  
E da qual dinheiro se evapora,  
Como o – Mal – da boceta de Pandora;  
Se depois por chamar nova pitança,  
Se depois se conserva a – Esperança;  
E nisto resmungando o cidadão  
Lá vai ter ao calvário da prisão;  
Não te espantes, ó Leitor, da pepineira,  
Pois que tudo no Brasil é chuchadeira!

Se temos majestosas Faculdades,  
Onde imperam egrégias potestades,  
E, apesar das luzes dos mentores,  
Os burregos também saem Doutores;  
Se varões de preclara inteligência,  
Animam a defender a decadência,  
E a Pátria sepultando<sup>14</sup> em vil desdouro,  
Perjuram como Judas – só por ouro:  
É que o sábio, no Brasil, só quer lambança,  
Onde possa empantufar a larga pança!

Se a Lei fundamental – *Constipação*,  
Faz papel de falaz camaleão,  
E surgindo no tempo de eleições,  
Aos patetas ilude, aos toleirões;  
Se luzidos Ministros, d'alta escolha,  
Com jeito, também mascam *grossa rolha*;  
E clamando que – são *independentes* –

Em segredo recebem bons presentes:  
É que o sábio, no Brasil, só quer lambança,  
Onde possa empantufar a larga pança!

Se a Justiça, por ter olhos vendados,  
É vendida, por certos Magistrados,  
Que o pudor aferrando na gaveta,  
Sustentam – que o Direito é pura peta;  
E se os altos poderes sociais,  
Toleram estas cenas imorais;  
Se não mente o rifão, já mui sabido:  
*Ladrão que muito furta é protegido* –  
É que o sábio, no Brasil, só quer lambança,  
Onde possa empantufar a larga pança!

Se ardente campeão da liberdade,  
Apregoa dos povos a igualdade,<sup>15</sup>  
*Libelos* escrevendo formidáveis,  
Com frases de peçonha impenetráveis;  
Já do Céu perscrutando alta eminência  
Abandona os troféus da inteligência;  
Ao som d'aragem se curva, qual vilão,  
O nome vende, a glória, a posição:  
É que o sábio, no Brasil, só quer lambança,  
Onde possa empantufar a larga pança!

E se eu, que amigo sou da patuscada,  
Pespego no Leitor esta maçada;  
Que já sendo avezado ao sofrimento,  
Bonachão se tem feito pachorrento;  
Se por mais que me esforce contra o vício  
Desmontar não consigo o artifício;  
E quebrando a cabeça do Leitor  
De um tarelo não passo, ou falador;  
É que tudo que não cheira a pepineira  
Logo tacham de maçante frioleira.

#### O VELHO NAMORADO

*Pobre velho! Estás perdido  
Se nesse couro tão duro,  
Pôde ainda fazer-te um furo  
Uma seta de Cupido!  
Desse mal acometido,  
Remédio te não darão;  
Que nessa idade a paixão,  
Bem que assim te não pareça,  
É moléstia da cabeça,  
Que não sente o coração.*

Faustino Xavier de Novais

Um velho demente,  
Mimoso ratão,  
Fiado em Cupido,  
Quis ser *Maganão*.

Janeiros sessenta,  
Contava o patola,  
Com rugas na cara,  
Com ar de façola.

Gorducho e roliço,  
Qual porco cacete;  
Cabeça de coco,  
Nariz de pivete.

De pança crescida,  
Andar de garoto,  
Franzindo sobrolho,  
Olhar de maroto.

Cedendo à loucura,  
Que dele zombava,  
A barba e cabelo  
Cuidoso pintava.

Brunia os sapatos,  
O fato escovava;  
Na destra grosseira  
Bengala empunhava.  
Se via à janela,  
Mocinha dengosa;  
De lindo semblante  
E lábios de rosa:

Então, derretido,  
O velho lapuz,  
Saltava, gingava,  
Qual jovem de truz.

Se a bela formosa,  
Por mofa, sorria,  
O pobre do *punga*  
Alentos bebia.

Assim pretendia  
Esposa encontrar,  
Que a sua rabuge  
Quisesse aturar

Eis chega-se o dia

De amor inspirado;  
Enfeita-se o asno,  
Assim preparado.

Da cara deidade  
Trepando as escadas,  
Com fúria de bravo,  
Dá quatro palmadas!

Lá corre a criada,  
Mulata faceira,  
De porte agradável,  
Nos modos brejeira;

E vendo o basbaque  
A moda vestido,  
Exclama, sorrindo:  
– “Que lindo Cupido!.

“Bonita casaca,  
“Colete bordado;  
“Chapéu de patente,  
“Cabelo *pintado*!...

“Vem tão bonitinho!...  
“A quem quer falar?”  
– “Co’ a dona da casa  
“Desejo tratar.”

Escanc’ram-se as portas,  
Lá entra o velhote,  
De negra azeitona  
Redondo ancorote.<sup>16</sup>

Eis chega a matrona,  
Que a casa dirige;  
Daquela visita,  
A dona se aflige.

Também vem com ela  
Formosa menina,  
De louros cabelos  
E face divina.

– “Que ordenas, pergunta,  
“Ilustre *mancebo*?”  
Estufa-se o lorpa,  
Cupido de sebo!

Prepara a garganta,

Tomando postura,  
À frente se põe  
Da prenda futura.

E qual orador  
Em pleno auditório,  
O gebas começa  
O seu palanfrório<sup>17</sup>:

Ó Venus pudibunda, sem igual,  
A teus pés aqui tens este animal,  
Que vencido de amor pelos teus gestos,  
Curvado te apresenta os seus protestos!  
Vencestes do bigode – autoridade,  
Do soldado a cruel severidade!  
Este todo que vês tão rijo e duro,  
Em borra ficará para o futuro;  
Este peito que bate só por ti,  
Já rendido e quebrado o tens aqui.  
Guerreiro das campanhas *cupidárias*<sup>18</sup>,  
Dos mercúrios, jalapas e fumárias.  
Sou velho, mas em tudo tão perfeito,  
Que não conto, sequer um só defeito!

Agora tu, matrona ajuizada,  
Que pariste esta prenda delicada,  
Consente no casório desejado,  
– Não faças do *velhote* um desgraçado!

Notando a donzela,  
Que o peço<sup>19</sup> farfante,  
Vencido de amores,  
Se fez um pedante;

A ele se chega,  
Com ar sedutor,  
Que os peitos encanta  
Que mata de amor;

Com gesto fêmeo  
Que a mente não trai,  
Sorrindo, lhe disse:  
“A bênção, papai!...”

Depois, prazenteira,  
A face voltando,  
Com garbo de fada  
Se foi retirando!...

E com esta chalaça tão picante

O avô de Saturno, delirante,  
*Não ficou homem, não, mas mudo e quedo*  
*Qual junto de um penedo outro penedo!*  
E, depois que sentiu-se codilhado,  
Pela porta tomou, muito enfiado.

## NO ÁLBUM

*Do meu amigo J. A. da Silva Sobral*

*Amigo*  
*Pedes um canto na lira,*  
*A quem apenas lhe tira*  
*Sons de viola chuleira?*  
*Insistes dessa maneira?*  
*Não sabes que, por desgraça,*  
*Por mais esforços que faça*  
*Por ser vate é sempre em vão?*  
*Não vás que mente o rifão:*  
*Quem porfia mata caça?*  
Faustino Xavier de Novais

Se tu queres, meu amigo,  
No teu álb'um pensamento  
Ornado de frases finas,  
Ditadas pelo talento;

Não contes comigo,  
Que sou pobretão:  
Em coisas mimosas  
Sou mesmo um ratão.

Não falo de flores,  
Dos prados não falo,  
Nem trato dos sinos  
Porque têm badalo;

Da rola que geme,  
À borda do ninho,  
Do tênue regato  
Que corre mansinho;

Nem das travessuras  
Do terno Cupido,  
Que faz do beato  
Janota garrido.

Mas se queres que alinhave  
Palavras desconchavadas,  
Desculpa, com paciência,  
Sandices que vão ritmadas.

Desprenda-se a veia,  
Comece a festança  
Movendo, cortando –  
Com toda chibança.

Ateie-se a Musa,  
Na magra cachola,  
Com frases flamantes  
De chocho pachola.

E qual estudante,  
Campando de sábio,  
Que empunha a luneta,  
Que é seu astrolábio,

Eu pego na pena,  
Escrevo o que sinto;  
– Seguindo a doutrina  
Do grande Filinto<sup>20</sup>.

Que estou a dizer?!  
Bradar contra o vício!  
Cortar nos costumes!  
Luiz, outro ofício...

Não lutes com isso,  
Trabalhas em vão;  
E podes tocar  
N'algum *paspalhão*.

Vai lá para a tenda  
Pegar na sovala,  
Coser teus sapatos  
Com linha amarela.

Mordendo na sola,  
Empunha o martelo,  
Não queiras com *brancos*,  
Meter-te a tarelo.

Que o branco é mordaz  
Tem *sangue azulado*;  
Se boles com ele  
Estás *embirado*.

Não borres um livro,  
Tão belo e tão fino;  
Não sejas pateta,  
Sandeu e mofino.

Ciências e letras  
Não são para ti  
Pretinho da Costa<sup>21</sup>  
Não gente aqui

.....

Ouvindo o conselho  
Da minha razão,<sup>22</sup>  
Calei o impulso  
Do meu coração.

Se o muito que sinto  
Não posso dizer,  
Do pouco que sei  
Não quero escrever.

Não quero que digam  
Que fui atrevido;  
E que na ciência  
Sou intrometido.

Desculpa, meu amigo,  
Eu nada te posso dar;  
Na terra que rege o *branco*  
Nos privam té de pensar!...

Ao peso do cativoiro  
Perdemos razão e tino,  
Sofrendo barbaridades,  
Em nome do Ser Divino!!

E quando lá no horizonte  
Despontar a Liberdade;  
Rompendo as férreas algemas<sup>23</sup>  
E proclamando a igualdade,  
Do chocho bestunto  
Cabeça farei;  
Mimosas cantigas  
Então te direi. –

O GAMENHO<sup>24</sup>

*Parece-me impossível que o gamenho,  
Que cuidadoso só trata do cabelo,  
Não tenha transformado em um novelo  
O miolo que encobre tal sedenho!*

O Autor

Lá ginga na praça  
Gentil namorado;  
Vai tão adamado,  
Que as belas mais dengues  
Lhe rendem mendengues.

Passinhos de Ninfa  
Mimosa, engraçada;  
Parece uma fada,  
Nem Vênus formosa  
Como ele é garbosa!

Trejeitos fêmiúeos,  
Pisar delicado,  
Andar compassado;  
Oh céus, que luxúria,  
Que terna melúria! –

Que ar sedutor,  
Que todo elegante,  
Que lindo semblante,  
Que pé delicado –  
Parece moldado!

Mas se queres, Leitor, ver um contraste,  
Adonis em Morcego transformado,  
O Cupido em figura de Macaco –  
Aproxima-te ao néscio namorado.

É um velho farsola<sup>25</sup>, desfrutável,  
Com fumaças de jovem repimpado,  
Que ao ridículo se presta, qual demente,  
Figura de presepe ou mascarado.

#### MOTE

E não pôde negar ser meu parente!

#### SONETO

Sou nobre, e de linhagem sublimada,  
Descendo, em linha reta, dos *Pegados*,  
Cuja lança feroz desbaratados  
Fez tremer os guerreiros da Cruzada!

Minha mãe, que é de proa alcantilada,  
Vem da raça dos Reis mais afamados;  
– Blasonara entre um bando de pasmados.  
Certo povo de casta *amorenada*.

Eis que brada um peralta retumbante;  
– “Teu avô, que de cor era latente,  
“Teve um neto mulato e mui pedante!”

Irrita-se o fidalgo qual demente,  
Trescala a vil catanga nauseante,  
E não pôde negar ser meu parente!

## A UM FABRICANTE DE PÍRULAS<sup>26</sup>

Soneto

*Ilmos. Srs. da Municipal*

Diz Dom Sancho careca, o carraspanas,  
Antigo charlatão politiqueiro,  
Por força da natura cozinheiro,  
Atual compositor de trabuzanas,<sup>27</sup>

Que a bem de seus direitos, sem chicanas,  
Por honra da ciência, em que é primeiro,  
Os foros se lhe dê de calhandeiro  
Dos efeitos das *purgas paulistanas*.

E sendo o suplicante o sabichão,  
Inventor do sistema da rapina,  
Reclama uma patente de invenção.

Requer para seu uso uma batina,  
De burro uma queixada por brasão,  
Sem fundos um barril por barretina.

## AO MESMO

Soneto

Qual de pedra colosso ou monte Atlante,  
De horrenda catadura, horrendo porte,  
Rugindo se apresenta qual Mavorte,  
Borrachudo *Averróes*<sup>28</sup> ali tonante.

Impondo de *Doutor* o ruminante,  
De catrâmbias atira a negra morte,  
Das fauces lhe despara o vento norte  
Com tremendo estampido retumbante.

Eis que surge Chiron d’alta memória

E vendo esse monturo de bagaço  
Raivoso então bradou, rasgando a história:

“Silêncio, ó charlatão! Nem mais um passo,  
“Que levo-te a vergalho, à palmatória,  
“Transformo-te num burro, e mais não faço.

### ARREDA QUE LÁ VAI UM VATE!

Quis um pobre sandeu apatetado  
Sobre as grimpas guindar-se do Parnaso;  
Empunha uma bandurra desmanchada,  
E nas ancas se encaixa do Pégaso.

As crinas se aferrando, como doido,  
No bandulho do bruto as pernas cerra;  
Manquejando na prosa, em verso rengo<sup>29</sup>,  
Ufanoso da glória exclama e berra:

Ao Parnaso! Ao Parnaso subir quero!  
Sonoroso anafil empunho ousado,  
Para a fama elevar do sacrilégio  
Com meu fofu bestunto estuporado.

Os gatos mostrarei fugindo aos ratos,  
Vistosos frutos em arbusto peço<sup>30</sup>;  
Jumentos a voar, touros cantando,  
E grandes tubarões nadando em seco!

Espanta-se o cavalo ao som da asneira,  
E cuidando em si ter outro que tal,  
Com saltos e corcovos desmedidos  
O pateta lançou num tremedal.

Todo em lama, o coitado, besuntado,  
A bandurra tocou destemperada,  
E, por fim do descante, só ficaram  
Asneiras e sandices – patacoada.

### A PITADA

A pitada é coisa grande,  
Vem de engenho sublimado;  
É capaz de tirar monco  
Do nariz mais confiado.

Certo Papa altipotente,  
Dela tendo experiência,

Suspendeu suas tomadas,  
Por temer sua influência.

Não respeita velho ou moço,  
Seja preto ou cor de giz;  
Sai do bote para a caixa,  
E da caixa p'ra o nariz.

É prazer que não se explica,  
Ardorzinho que consola,  
Vício honesto, inocentinho,  
Protegido pela estola.

Contra o peso da cabeça,  
É remédio tão gabado,  
Que o não deixa um só momento  
Todo o homem que é casado.

Toma a velha, a moça toma,  
Toma a negra, toma a branca,  
Toma o rico, toma o pobre,  
Tendo a venta sempre franca

Té nos líbicos desertos,  
Toma o bárbaro gentio,  
Torvo esturro cor de barro,  
Recrestado ao sol de estio.

Oh! Pitada milagrosa,  
Pitadinha portentosa!  
Eu quisera ser um Dante,  
Ter uma harpa ressonante,  
P'ra cantar a tua glória  
Sobre as aras da memória.

Não te zangues, pitadinha,  
Pitadinha amarelinha;  
Pobre filho da tarimba,  
Vou cantar-te na marimba.  
Atendei, oh tomadores,  
Que eu começo os meus louvores!  
É tão bela, é tão gabada  
A virtude da pitada,  
Que não há quem lhe resista,  
Seja cego ou tenha vista!  
Nem a velha recurvada,  
Nem a moça enamorada,  
Nem o padre, nem o frade,  
Seja leigo ou seja abade,  
São capazes de fugir,

Evitar ou resistir,  
À tendência exacerbada,  
Pela força da pitada!  
Quem resiste ao bom tabaco,  
Quer de binga quer de caco?!  
Toma o menino de escola,  
Para ter fresquinha a bola;  
Toma o rude lavrador,  
Toma o sábio professor:  
Velhos lentes jubilados  
Pelos anos alquebrados,  
O vagaroso porteiro,  
Os vigários, o sineiro,  
Toma o mestre de francês,  
O de latim, o de inglês,  
O boçal qu'inda é caloiro,  
Que o tomar não é desdoiro;  
Veteranos, bacharéis,  
Secretários e bedéis,  
Diretores de colégios,  
Apesar dos privilégios;  
Também toma, por mania,  
O que explica geometria.  
E narizes tem-se visto,  
Com prosápias de resisto,  
Que chupitam num momento,  
De tabaco bolorento,  
Duas libras, bem pesadas,  
Embutidas por pitadas.

A pitada é coisa grande,  
Vem de engenho sublimado,  
É capaz de tirar monco  
Do nariz mais confinado.

Não tem bom gosto,  
Quem fero, altivo,  
Se mostra esquivo  
À pitadinha;  
Que é coisa santa,  
Contra azedumes,  
Negros ciúmes,  
Tomada azinha.

Quer de canjica,  
Quer de semonte,  
Refresca a fronte,  
Tomada azinha;  
Por ela morre  
Gentil donzela

Formosa e bela  
Tão moreninha.

Alegre toma,  
Morta de amores,  
Libando as flores,  
Qual avezinha,  
Nívea loureira  
Na orlada venta  
Brandinha e lenta  
A pitadinha.

Toma a casada,  
Toma a solteira,  
A honesta freira,  
Que é bonitinha;  
Entre os dedinhos,  
Alvos, brunidos,  
Com graça unidos,  
A pitadinha.

Do gênio afasta,  
Suavemente,  
A impertinente,  
Fera zanguinha;  
Sara quebrantos,  
Paixões de amores,  
Acerbas dores,  
Tomada azinha.

Qual o volátil,  
Que inocentinho,  
Deixando o ninho,  
Beija a florinha  
Assim, deidades,  
Que as auras beijam,  
Ternas almejam  
A pitadinha.  
Lindas meninas,  
No seu passeio,  
Levam – no seio –  
A bocetinha,  
Para tomarem,  
Co'as companheiras,  
Por brincadeiras,  
A pitadinha.

E se o espirro,  
Deixando a toca,  
Vem à *taboca*

Ligeira e rude;  
Entoa o bando  
De *Huris* formosas,  
Quais néveas rosas,  
Um – Deus *Ihe* ajude.

### O BALÃO

Requeiro oh Musa,  
Do grande Urbino,  
Pincel divino,  
D'alto rojão;  
De Tasso o gênio,  
De Homero a fama,  
Que o mundo aclama,  
D'áurea feição.

Que cantar quero,  
Vibrando o plectro,  
Com doce metro,  
Ancho balão;  
Erguendo aos ares  
Novas esferas,  
Tontas megeras,  
De rubicão.

Guapos rapazes,  
Velhos caducos,  
Sandeus malucos,  
Por devoção;  
Que, por pacholas,  
O siso despem,  
E à moda vestem,  
Lá do Japão.

Rompa-se a marcha!  
Eis um capenga,  
Que untada a quenga  
Traz de sabão;  
Andar cadente,  
No gesto grave,  
E grossa trave  
Tem por bastão!

Oh! que prosápia!  
Traja com gosto,  
Tem o composto  
De um figurão!  
Vem atacado,

E tão rotundo,  
Que afronta o mundo,  
Com seu balão!

Desfez-se o homem,  
E não é peta,  
Fez-se planeta,  
– De Escorpião –!  
Tem gás na pança,  
Suspiro e bomba,  
– Astro de tromba,  
Luz de alcatrão!

Olá! que vejo!  
Qual nívea estrela,  
De luz singela,  
Tem o clarão!  
Mimosa fada,  
Que os gênios doma,  
Ampla redoma,  
Do Indostão!

Faz mil requebros,  
Gentil donzela,  
Qual rosa bela  
Contra o tufão;  
Salta e corcova,  
Como charrua,  
Quando flutua,  
Sem capitão!

Silêncio! é ela!  
Tão vaporosa  
Vem, e formosa,  
– Que treme o chão!  
Gordo cetáceo,  
Deixando os mares,  
Que afronta os lares,  
Sobre um balão!

Eu te saúdo,  
Oh tartaruga,  
Romba taruga,  
De barracão!  
Monstro que alojias,  
Sob os babados,  
Dez mil soldados,  
Do rei Plutão!

Planeta aquário,

Veloz, possante,  
Que vaga errante,  
Sem região;  
Farol tremente,  
D'estreita barra,  
Que o leme emparra,  
Do galeão.

Diz a gazeta,  
(Caso de fama)  
Que certa dama,  
Numa função,  
Fora atacada,  
De flato horrível,  
Que a pôs hirtível<sup>31</sup>,  
No raso chão.

Doze mancebos  
A carregaram,  
E colocaram,  
Sobre um colchão,  
E a castidade,  
Sem ofenderem,  
Para fazerem,  
Fomentação;

Foram tirando,  
Sem causar mágoas,  
Fofas anáguas,  
De camelão;  
Curvadas molas,  
Arcos de pipa,  
Cordas de tripa,  
E um rabeção.

Caixas de guerra,  
Rouco zabumba,  
Que além retumba,  
Como trovão;  
Felpuda palha  
Para viveiros,  
Dois travesseiros,  
E um trombão.

Eis que debaixo,  
Do tal babado,  
Pula espantado,  
De supetão,  
Tremendo gato,  
Miando, aflito,

Mais esquisito,  
Que um sacristão!

Bradaram todos –  
Que era feitiço,  
Ou malefício,  
De Faetão,  
Chamou-se logo,  
Para o sinistro,  
Certo ministro  
Do Alcorão<sup>32</sup>.

Chega o bojudo,  
Doutor Trapaças,  
Que tem fumaças,  
De sabichão;  
Pega na pena,  
Lavra a receita,  
– Para maleita –  
Chá de gervão.

Suspira a moça,  
No brando leito,  
De novo aspeito<sup>33</sup>,  
Se amostra então;  
Era a doença,  
Pobre inocente,  
A lava ardente,  
Do seu balão!

Casos de estrondo,  
Já se tem visto,  
Que aqui registro,  
Do tal balão,  
Atendam todos,  
Não façam bulha,  
Que tem borbulha,  
A narração.

Se algum marujo,  
Fino tratante,  
Faz-se de impante  
Politicão;  
Muda de credo,  
Vira a casaca,  
– O gás ataca,  
No seu balão.

Mas se perdendo  
A Tramontana<sup>34</sup>,

Qual Zé-Banana,  
Pilha o tufão;  
Foge ao perigo,  
Deixa a catraia,  
Buscando a praia,  
É charlatão.

Inda que berre,  
Inda que brade,  
Qual rubro frade,  
Com mau sermão;  
Um povo inteiro,  
Lhe diz em face:  
És um falace  
Camaleão.

Se na fachada,  
De um bom marido,  
Que foi traído,  
Surge um polmão;  
Exclama a esposa,  
Que são esguichos,  
Os tubos fixos,  
Para o balão!

Quem tal diria,  
Que na fachada,  
Tão respeitada,  
Do cidadão,  
Se assestariam,  
Torcidas molas,  
Curvas bitolas,  
Para o balão!...

Rengas<sup>35</sup> moçoilas,  
De pernas finas,  
Têm lamparinas,  
Óleo e carvão;  
Para empinarem,  
O bojo enorme,  
Do desconforme,  
Monstro balão.

Também a velha,  
De gâmbia esguia,  
Traz, por mania,  
Fofa balão;  
Mas, rota a bomba,  
É qual sanfona,  
Que zune e trona,

De cantochão.

Boçais donzelas,  
Finas varetas,  
Magros cambetas,  
Têm seu balão;  
Gás hidrogênio,  
Tão sublimado,  
Que, destampado,  
Faz de trovão!

Não há cegonha,  
Torta gazela,  
Nem magricela,  
Que de balão;  
Não faça rodas,  
Com tal rebojo<sup>36</sup>,  
Que vence, em bojo,  
Néscio pavão!

Nem rapazola,  
Parvo e pedante,  
Que todo limpante,  
Qual histrião,  
Não julgue ousado,  
Pobre pichote<sup>37</sup>,  
Ser Dom Quichote<sup>38</sup>,  
Sobre o balão!...

E tu, oh gênio,  
Sublime e raro,  
A quem deparo,  
Nesta invenção;  
Nas áureas letras,  
Da sábia história,  
Verás a glória –  
Na exposição.

#### A UM FABRICANTE DE PÍRULAS

Exulta oh Paulicéia, a fronte eleva  
Sorri da Grécia e de Esculápio estulto,  
Afronta o velho mundo, ousada rompe  
Nas aras da memória ergue o teu vulto.

Cidade eterna de prodígios altos,  
Que o gênio domas de Misrai potente,  
Encrava em bronze com douradas letras  
Teu nome excelso de poder ingente.

O Cairo, a Grécia, a Babilônia antiga,  
A culta França e a Bretanha ousada,  
Ouvindo a fama que o teu nome alteia  
Vacilam, tombam do letargo ao nada!

Os vultos da ciência purgatória  
Osiris e Quiron, o louro Apolo,  
Vencidos de terror medrosos tremem,  
E as fronteiras curvam no gretado solo!

Quem há que possa competir contigo,  
Viçoso berço de varões preclaros?  
Nem Podaliros de saber profundo,  
Ou d'áurea Praxíteia os filhos caros!

Se alguém tentar sobrepujar teu nome,  
De inveja prenhe e de letal veneno,  
Soberba aponta para o vulto hercúleo  
Do *Pirulista*. de assombroso aceno.

Herói fulgente, qual não viu Atenas  
Em almos dias que a ciência esmaltam;  
*Professor magnus* de purgantes acres –  
Em piruletas que curando matam!

Impando afirma – que com bravas ervas  
Sarou morféia, e tudo mais que diz,  
Tomou formosos carcomidos corpos,  
Com pele e carne, e magistral nariz.

Famintos cura, de dinheiros a falta,  
Cabeças ocas, de juízo ausência,  
Barriga dura, catarral defluxo,  
A hidropisia e perenal demência!

E para assombro, do renome, amostra,  
Em um – *Correio Paulistano*, – antigo,  
O selo, a prova desta grã verdade,  
Depois o prega em besbelhal postigo.

Caducas velhas de viver cansadas,  
Que têm na coma clarabóia imensa,  
Tomando as doses do doutor chanfana  
Concebem, porém, sem temer doença!

Eis troam, rugem na rotunda pança  
Trovões soturnos, sibilantes ventos,  
Farpados raios coruscantes ardem  
Na cava estreita, em barrigais tormentos!

Tomou aquela, por debique ou luxo,  
Das tais pímulas seis macitos – só!  
Da pança em fora descetou<sup>39</sup> bramindo  
Maçada horrenda, ventania e pó!

E de improviso, por mistério oculto,  
Ou providência do remédio santo,  
Sentiu crescer-lhe a barrigaça a velha –  
Um filho teve por fatal encanto!

Lá mais dous casos de eternal memória  
Um velho rengo, uma viúva anosa;  
Purgado aquele se transforma em jovem,  
A velha em moça virginal formosa!

Silêncio, oh povos! que lá vem milagre,  
Repiquem sinos badalar tem-tem!  
Atentos mirem da gazeta o caso;  
– Lá parem velhas de janeiros cem!

Estende as asas oh Galeno hercúleo,  
Adeja em torno da virente Clio;  
Despreza os parvos, a sandice estulta,  
Berrar de sapos e da inveja o pio.  
Em trono calhandral erguido aos ares,  
Entre nuvens de incenso purgantino,  
Recebe as ovações da gente enferma,  
Nas salvas do ribombo tiberino.

Exulta, oh Paulicéia, a fronte eleva  
Sorri da Grécia e de Esculápio estulto  
Afronta o velho mundo, ousada rompe,  
Nas aras da memória ergue o teu vulto.

Rasgando os ares, da vitória certa,  
Varrendo as ondas co'os prodígios teus,  
Sacode os astros, as montanhas quebra,  
Renome imprime nestes versos meus.

E o tal Galeno de purgar sedento,  
Que as vidas troca por eterno sonho,  
Eleva ao cume das esferas lúcidas,  
Nas crespas asas do tufão medonho.

Em torvo monte de fecais matérias,  
Quais dundaras montanhas solevadas,  
Receba altivo a coruscante auréola  
Das mãos da fera Parca descarnadas!

A UM NARIZ

*Você perdoe,  
Nariz nefando,  
Que eu vou cortando  
E ainda fica nariz em que se assoe.*  
Gregório de Matos

Aí vai, leitores,  
Um monstro esguio  
Que em corrupio  
De uma rua tem posto os moradores.

Maior que a proa  
Da nau de linha,  
Tem camarinha  
Aonde à tarde se obumbra a tocha côa<sup>40</sup>.  
Rinoceronte  
De tromba enorme,  
Mais desconforme  
Do que o mero, a baleia, o catodante.

Nariz bojante,  
Recurvo e longo,  
Que lá do Congo  
Alcança o Tenerife e Monte Atlante.

De raça eslava  
Tremenda espiga,  
E há quem diga  
Que nela Polifemo cavalgava.

Nariz alado,  
De cor bringela,  
Que de pinguela,  
Serviu no Amazonas celebrado.

E se não mente  
A tradição,  
De lampião  
Fazia um farol da Líbia ardente.

Nariz de pau,  
Com tal composto,  
Que sobre o rosto  
Tem forma de bandurra ou berimbau<sup>41</sup>.

Cavado e torto,

Formal tripeça,  
Fundido à pressa  
Nas forjas de Vulcano – por aborto.

Nariz de forno,  
De amplas badanas,  
Que mil bananas  
Aloja em cada venta, sem transtorno.

É tão famoso  
O tal nariz,  
Que por um triz  
Não fez parte do cabo tormentoso.

Qual catatau  
Da testa pende,  
E alguém entende  
Ser ninho de coruja ou pica-pau.

Nariz de barro,  
Mas não cozido,  
Que suspenso,  
Sobre as grimpas da lua vai de esbarro.

De quanto fiz  
Não se enraiveça;  
Não enrubesça,  
Que p'ra dar e vender sobra nariz.

#### UMA ORQUESTRA

Por certa cidade  
Sozinho vagando,  
Ao mórbido corpo  
Alívio buscando:

Acorde harmonia  
Ao longe escutei,  
E aos dúlios acentos  
Meus passos guiei.

Além, numa rua,  
Em casa antiquada,  
Diviso ao luar  
De Euterpe a morada.

A ela me chego,  
Com gesto tardio,  
Por entre as janelas

Os olhos enfio.

Mas eis que diviso  
Um velho zangão,  
Zurzindo raivoso  
No seu rebecão.

Marcava o compasso,  
A pança empinava,  
Que, em clave de bufo,  
Confusa roncava...

Mexia-se todo,  
Fazendo caretas;  
As ventas fungavam  
– Sonantes trombetas.

Na vasta batata,  
Que tem por nariz,  
Formara seu ninho  
Crescida perdiz.

Sobr'ela, de encaixe,  
Luzindo se via  
A vítrea cangalha  
Que a vista auxilia.

Num lado da penca,  
Em alto degrau,  
Serenamente cantava  
Audaz Pica-pau.

Da luta cansado,  
Tremendo e suando,  
A bola afrescava  
Pitadas tomando.

As grossas c' ravelhas  
Ligeiro torcia,  
Na banza afinada  
De novo zurzia.

– Sentada num canto,  
Bochechas inchadas,  
De solfa na frente,  
Em notas pausadas,

De venta enfunada,  
Com ar de Sultão,  
A dona da casa

Tocando trombão!

– Formosa deidade,  
Galante Ciprina,  
– Vestida à romana –  
Trajando batina,

Tapava os suspiros  
De seu clarinete,  
Soprando com fúria  
D’um anglo paquete!

A filha mais velha  
Do tal Corifeu,  
Que em flauta d’um tubo  
Tem fama d’Orfeu,

Melíflua tocava  
No seu canudinho,  
Amenos<sup>42</sup> prelúdios,  
Lundu miudinho.

A outra, segunda,  
Dione formosa,  
Impando as bochechas,  
Possante e raivosa

Berrava na trompa,  
Qual doida *Avertana*,  
Mão dentro, mão fora  
Da rasa campana!

Ridente menina,  
Que um lustre contava,  
Roliça baqueta  
Airosa empunhava.

Nos pratos batia,  
Malhava o zabumba,  
Num moto-contínuo  
De *bumba-catumba!*  
No meio da bulha,  
Que os ares feria,  
O velho, de gosto,  
Contente sorria.

A testa esfregava  
Co’a destra enrugada,  
Nas largas *ventrech*  
Sorvia a pitada.

Com voz de soprano,  
Fazendo trejeitos,  
Alegre exclamava,  
Batendo nos peitos:

“– Maestros famosos  
“Da Grécia não temo,  
“Nem Chinas ou Persas  
“Da raça do demo.

“A todos confundo  
“Com meu rebecão,  
“Que ronca e rebrame,  
“Qual fero trovão!

“Ferindo estas cordas  
“Bezerras imito,  
“Grunhido de porcos,  
“Berrar de cabrito;

“Zurzidos de burros  
“Miados de gato,  
“Coaxados de sapos  
“– Em tom pizicato –.

“Oh vinde Maestros  
“Da Itália e da França,  
“De passo ligeiro  
“Dançar contradança!

“Oh vinde Aretino,  
“Mozart e Rossini,  
“Deixando a rebeca  
“Também Paganini!

“Que todos patetas  
“Aqui ficarão,  
“Ao som retumbante  
“Do meu rebecão!

“Toquemos meninas,  
“Faceiras Camenas,  
“Valsitas, quadrilhas  
“Nas brandas avenas.

“E todos alegres,  
“Vibrando o compasso,  
“Os nomes gravemos,  
“Na lira d’um Tasso!...”

## O GRANDE CURADOR DO MAL DAS VINHAS

*Cesse tudo quanto a antiga Musa canta.*

*Que outro valor mais alto se alevanta!*

Camões – *Lusíadas*, Canto I

Cá do antro negregado<sup>43</sup> em que eu habito,  
Envolto na pobreza que me oprime;  
Da fatal ignorância ao duro peso,  
Qual réu que comete horrendo crime.

Ao mundo não lembrado, como a sombra  
De ignorado Pastor em ermos vales;  
Sofrendo da miséria atroz reveses,  
Do meu fado curtindo acerbos males:

Prostrado à sonolência que domina  
A turba dos mortais assim rendidos,  
De repente desperto ao som medonho  
De brados estridentes – alaridos!

Impávido, correndo, me encaminho,  
Em busca do sucesso não cuidado,  
Que, os ares atroando, se anuncia,  
Qual fero Adamastor, bramindo irado!  
A trancos e barrancos, tropeçando,  
De súbito deparo frente a frente,  
– Não de susto falece comovido,  
Com feio, desgrenhado e sujo Bronte!

Era hirsuta a melena, esfiapada,  
Que nos ombros vergados se esparzia;  
A boca retorcida, os dentes verdes,  
Rotunda era a cabeça, mas vazia.<sup>44</sup>

Trajava uma casaca que invejara  
Um judas, ou magriço gafanhoto,  
Presente que lhe dera, em despedida,  
O seu velho patrão, que era piloto.

Com denodo, montava, um grã tonel,  
Tinha a frente, de parras, enfeitada;  
Empunhando na destra uma seringa,  
E na sestra uma vinha, já curada.

Diante do herói vinham, saltando,  
Uma chusma de Bacos, de cornetas;  
Também vinha Príapo, enfurecido,  
Entre velhas zanagas, e cambetas!

D'espanto dominado, lhe pergunto:

Quem és tu, ó mortal, que assim caminhas?  
Responde-me o colosso, insano e forte:  
“O grande curador do mal das vinhas!!”

E soprando-me a testa, d’improviso,  
Por pouco me não deixa sem juízo!  
Aos ares se elevou, empavesado,  
As abas da casaca abrindo ousado;  
E, logo que da terra se apartou,  
Sobre as nossas cabeças espalhou:  
Um chuveiro de anúncios, em gazetas,  
Retumbantes artigos, grossas petas;  
A caparrosa, a galha, a t’rebentina,  
Essência de tabaco, e de quinina;  
Pontinhas de charutos já fumados,  
Ratos mortos, em vinho conservados;  
Pomposos elogios, em jornais,<sup>45</sup>  
Sementes p’ra o fabrico de animais;  
Um tratado das coisas reunidas,  
E mais outras cousitas esquecidas!  
Nem César, Bonaparte, nem Mavorte,  
*E outros em quem poder não teve a morte,*  
Igualam, no saber, o pregoeiro,<sup>46</sup>  
Que das vinhas se aclama – curandeiro.  
*Por ele se esqueçam os humanos*  
*De Assírios, Persas, Gregos e Romanos*  
– Que nas grimpas da glória repimpado  
Um abraço vai dar no sol dourado.<sup>47</sup>

#### PACOTILHA

*Não ralhem, não façam bulha,  
Que eu não sei se isto é pulha.*  
Polka

Se vive à janela  
Moçoila gorducha,  
Qual freira capucha,  
Mirando o janota;  
Fazendo trejeitos,  
De lenço abanando,  
O olho piscando –  
É tola, idiota.

Se meiga donzela,  
D’amor delirante,  
Em lábias de amante  
Segura se faz;  
Põe fé no magano,  
Lá cede um beijinho,

Mais outro abracinho –  
Está no carcás...

Se velha caduca,  
De face rugosa,  
Pretende ansiosa  
Gentil namorado;  
Com feias caretas  
O dente arreganha,  
Suspira, por manha –  
É triste pecado.

E tendo na boca  
*Postiço teclado*,  
Com cera pegado,  
Que joga e chocalha,  
Das moças critica,  
Com sanha de fúria,  
Banindo a luxúria –  
Não passa de gralha.

Se tolo basbaque,  
Em prosa maçante  
Julgando-se um Dante,  
Se torna *poeta*;  
Sem estro e sem tino,  
De amor em furores,  
Só fala das flores –  
Precisa dieta.

E tendo na cara  
Trombudo focinho,  
Qual porco de espinho,  
Se faz namorado;  
Metido em funduras  
Lá geme, e suspira,  
Qual fero Timbira –  
É asno chapado.

Se guapo marido,  
Rapaz de bom gosto,  
Vai pelo sol posto  
Jogar seu patau;  
Deixando a metade,  
Contente, alegrinho,  
Não vê que o vizinho...  
Coitado, é patau!

Mas sendo avezado  
À tal brincadeira,

Quindim, frioleira,  
Lhe chama – brejeiro –  
Na frase, do mundo  
Não passa por tolo;  
Tem frente, e miolo  
De manso Cordeiro.

Se trôpego velho,  
De queixo caído,  
Dengoso e rendido,  
Com moça se liga:  
Lá quando mal cuida  
Na frente lhe saltam,  
Relevos que esmaltam,  
Em forma de espiga.

Se *rapa* o que pode  
Finório empregado,  
Campando de honrado,  
Cuidando que brilha;  
Em dia aziago  
Tropeça, baqueia,  
E vai, na cadeia,  
Juntar-se à quadrilha.

Se impinge nobreza  
Brutal vendilhão,  
Que sendo *Barão*  
Já pensa que é gente;  
Aqueles que o viram  
Cebolas vendendo,  
Vão sempre dizendo  
Que o lorpa é demente.

Se em peitos que fervem  
Infâmias tremendas,  
Avultam comendas  
E prêmios de honor;  
É que, com dinheiro,  
Os rudes cambetas  
Se levam das tretas  
E mudam de *cor*.

Se fino larápio  
De vícios coberto,  
Com foros d'esperto,  
De honrado se aclama;  
É que a ladroeira,  
Banindo o critério,  
Firmou seu império

*C'o gente de fama.*

Se audaz rapinante,  
*Fidalgo ou Barão,*  
Por ser figurão,  
Triunfa da Lei;  
É que há Magistrados  
Que empolgam presentes,  
Fazendo inocentes  
*Os manos da grei.*

Mulato *esfolado,*  
Que diz-se fidalgo,  
Porque tem de galgo  
O longo focinho;  
Não perde a *catanga,*  
De cheiro falace<sup>48</sup>,  
Ainda que passe  
Por bráseo cadinho.

E se eu que *pretecio*<sup>49</sup>.  
D'Angola oriundo,  
Alegre, jucundo,  
Nos meus vou cortando;  
É que não tolero  
Falsários parentes,  
Ferrem-me os dentes,  
Por brancos passando.

#### COLEIRINHO

*Assim o escravo agrilhado canta.*  
Tíbulo

Canta, canta Coleirinho,  
Canta, canta, o mal quebranta;  
Canta, afoga mágoa tanta  
Nessa voz de dor partida;  
Chora, escravo, na gaiola  
Terna esposa, o teu filhinho,  
Que, sem pai, no agreste ninho,  
Lá ficou sem ti, sem vida.

Quando a roxa aurora vinha  
Manso e manso, além dos montes,  
De ouro orlando os horizontes,  
Matizando as crespas vagas,  
– Junto ao filho, à meiga esposa  
Docemente descantavas,  
E na luz do sol banhavas

Finas penas – noutras plagas.

Hoje triste já não trinas,  
Como outr'ora nos palmares;  
Hoje, escravo, nos solares  
Não te embala a dúlia brisa;  
Nem se casa aos teus gorjeios  
O gemer das gotas alvas  
– Pelas negras rochas calvas –  
Da cascata que desliza.

Não te beija o filho tenro,  
Não te inspira a fonte amena,  
Nem dá lua a luz serena  
Vem teus ferros pratear.  
Só de sombras carregado,  
Da gaiola no poleiro  
Vem o tredo cativoiro,  
Mágoas e prantos acordar.

Canta, canta Coleirinho,  
Canta, canta, o mal quebranta;  
Canta, afoga mágoa tanta  
Nessa voz de dor partida;  
Chora, escravo, na gaiola  
Terna esposa, o teu filhinho,  
Que sem pai, no agreste ninho,  
Lá ficou sem ti, sem vida.

## SONETO

### Retrato

É renga, magricela e presumida,  
Com pele de muxiba engrovinhada<sup>50</sup>;  
O corpo de sumaca desarmada<sup>51</sup>,  
A cara de muafa<sup>52</sup> malcosida;

A perna de forquilha retorcida,  
Os ombros de cangalha um tanto usada;  
A boca, de ratões grata morada,  
Maçante na conversa em mal sofrida;

Senhora de um leproso cão rafeiro,  
Que, querendo passar por mocetona,  
Se besunta com sebo de carneiro;

Vestida é saracura de japona,  
De feia catadura, e de mau cheiro,

Eis a choca perua da Amazona.

A UM VATE ENCICLOPÉDICO

*Quis um jovem marchar, só por mania,  
Das letras pela senda trabalhosa;  
Diz-se Vate, mas prenda tão famosa  
Ninguém nos versos seus a descobria.*

*Começa a dar patada, e tão bravia,  
Que logo (alçando a voz imperiosa)  
Lhe brada a Natureza: Chega à prosa!  
E o maldito a encostar-se à poesia!*  
Faustino Xavier de Novais – Soneto

Qual cratera lançando lava ardente,  
De Pompéia tragando a pobre gente,<sup>53</sup>  
Novo Aníbal os mares agitando,  
Arbustos e penedos derrubando,  
Argentino Quixote se apresenta  
Com bulha que as cabeças atormenta!  
É Doutor em ciências sociais,  
Conhece toda casta de animais;  
Em direito, suplanta o *Savigny*,  
Mormente quando toma a – Parati;  
E nos fastos da *grã* filosofia  
Diz tais coisas que as carnes arrepia!

Da Medicina o novo *Chernoviz*,  
Faz xaropes, do ferro tira giz!  
E, invadindo as *baias do Parnaso*  
O lugar conquistou *do tal Pégaso!*  
A sabença nos *cascos* se lhe aninha,  
É por todos chamado o – Dom Fuinha;  
E da torva montanha da cachola,  
Pende a velha e cediça c’raminhola!<sup>54</sup>

Um taful que encarou o tal portento  
Afirma que o coitado era jumento;  
E querendo provar o que dizia,  
Mostrava uma castrada poesia:  
D’asneiras enxurrada furibunda,  
Onde o erro falaz superabunda:  
Era prosa cediça, mui safada,  
Asneira sobre asneira amontoada!  
E no fim da maçante frioleira  
A firma do *grã* vate – baboseira.

Correu, em peso, a sábia Academia,  
Para ver o planeta que luzia;

Também veio a Polícia, a Medicina,  
Discutir tanta asneira em sabatina!  
Miraram de alto a baixo o sacripante<sup>55</sup>  
E vendo que o maroto era pedante,  
Na barca de Caronte o encaixaram,  
P'ra casa dos orates o mandaram.

Lá se foi o talento desmedido,  
Todo o povo deixando espavorido,  
Habitar os salões d'um hospital  
Onde cura terá para o seu mal.

### NO ÁLBUM

do Sr. Capitão João Soares

*Escrever num Álbum!.... Credo!  
Expor-me à critica austera!  
E se um douto me impusera  
Pena de longo degredo!  
Nada... nada, tenho medo  
De ir a alguém desagradar;  
Não ponha o meu nome a par  
Dos que têm estro e ciência;  
Amigo, tem paciência:  
Quem não tem não pode dar.  
Faustino Xavier de Novais*

Manda Vossa Senhoria,  
Que o seu pobre servidor,  
Empunhando leve pluma,  
Seja feito um escritor!

E, qual Nume antipotente<sup>56</sup>  
Que domina os elementos,  
Mostre, aqui, do encanto a força  
Exibindo altos talentos!

Nas trevas lutando,  
Sem estro, sem guia,  
Guindado na prosa,  
Sem ter poesia;

Não sei como possa  
Tal mando cumprir,  
E da brincadeira,  
Já quero me rir.

No Álbum do Vate  
Bem quero escrever;  
Mas como fazê-lo

Sem nada saber?

Meter-m'a abelhudo  
Em coisas d'alcance,  
Fazer traquinadas,  
Sofrer algum transe?

Dizer asneirolas,  
Cediças maçadas;  
Borrando o papel  
Com frases safadas?  
Curvar-me às dentadas  
De certos pedantes,  
Qu'em versos e rimas  
São mesmo uns Atlantes?!

Nada, nada, meu Senhor,  
Não caio nessa esparrela;  
Não quero que o mundo diga –  
Que o Luís é tagarela.

Não tenho sabença,  
Não campo de autor;  
Apenas me conto  
Por um falador.

Das línguas estranhas  
Nem uma aprendi,  
Em nosso idioma  
Sou – *Kikiriki*.

De Euclides – os riscos,  
De Schiller – a história,  
Se os li foi por brinco,  
Não tenho em memória.

E, de mais, além de tudo,  
Da escola saí mui rudo.

Se, por desenfado,  
No meu triste lar,  
Com penas e tinta  
Me ponho a brincar;

Se acaso uma idéia,  
Que vaga perdida,  
Da minha cachola  
Faz sua guarida;

Se astuto demônio,

Finório birbante,  
Soprando na testa,  
Me faz delirante;

E se dominado  
Por esse rabino,  
Algumas sandices  
Escrevo, sem tino,

Depois refletindo  
No fofo aranzel,  
Em mil pedacinhos  
Eu faço o papel.

Por mais que forceje  
Não posso escrever;  
Quem vir este livro  
O que há de dizer?

Chamar-me pateta,  
Por grande favor;  
E dar-me patente  
– De mau palrador.

Se for *literato*  
Farsola, brejeiro,  
Impando dirá:  
*Sempre é sapateiro.*

Mas eu que conheço  
Mesquinho que sou,  
Da minha *fachada*  
Desfrutes não dou.

Suplico de vós,  
Meu caro Senhor,  
Não queirais o mal  
Do triste cantor.

– No Álbum do Vate  
De grande saber,  
Um pobre tarelo  
Não pode escrever.

Janeiro – 1859

#### A UNS COLARINHOS

Era na estação calmosa,  
De novembro o mês corria,

E da tarde as horas sete  
Da Sé no bronze batia.

Já do sol o clarão frouxo  
Desmaiava no horizonte,  
E penumbro se esparzia  
Pelas cimeiras do monte.

Das trevas a soberana  
Desdobrava o pálio escuro,  
E a dourada luz diurna  
Nos Alpes pairava a duro:

Quando a nós se dirigiram  
Três mancebos mui galantes,  
Belos, dengues, adamados,  
Ricos, nobres e chibantes.

De entre os três um, que gamenho  
Se amostrava com vigor,  
Era um lindo figurino,  
Com luxo, garbo e primor.

Oh! que par de colarinhos!  
Grita, ao vê-lo, um capadócio,  
Vêm pendentes do cachaço  
D'aquela pobre beócio!

Cala a boca, tagarela,  
Exclamou mais um terceiro,  
– Aquilo que vês é fronha,  
Vestida num travesseiro!

Alto lá! bradei altivo,  
Fora, a bulha, isto é sofisma;  
Não é fronha, são manípulas<sup>57</sup>  
Que o prelado usa no crisma.

Ou segundo o Cobarrúbias,  
Que é jurista de quilate,  
São as pernas das ceroulas,  
Do gorducho do Mirati.

E se turraram na disputa,  
Semelhante ao grande Evandro,  
Provarei que são as folhas  
Do projeto do Timandro.

Ou conforme outros autores,  
Que nos vêm de barra-fora,

Fraldas são de ampla camisa,  
Ou anáguas de senhora.

### SEREI CONDE, MARQUÊS E DEPUTADO!

Pelas ruas vagava, em desatino,  
Em busca do seu asno que fugira,  
Um pobre paspalhão apatetado,  
Que dizia chamar-se – *Macambira*.

A todos perguntava se não viram  
O bruto que era seu e *desertara*.  
– Ele é sério (dizia), está ferrado,  
E tem branco o focinho, é *malacara*.

Eis que encontra, postado numa esquina,  
Um esperto, ardiloso capadócio,  
Dos que mofam da pobre humanidade,  
Vivendo, por milagre, em santo ócio.

Olá, senhor meu amo, lhe pergunta  
O pobre do matuto, agoniado:  
– Por aqui não passou o meu burrego.  
Que tem ruço o focinho, o pé calçado?

Responde-lhe o tratante, em tom de mofa:  
– O seu burro, Senhor, aqui passou,  
Mas um guapo Ministro fê-lo presa,  
E num parvo *Barão* o transformou!

Oh Virgem Santa! (exclama o tabaréu,  
Da cabeça tirando o seu chapéu)  
Se me pilha o Ministro, neste estado,  
Serei Conde, Marquês e Deputado!

### OS GLUTÕES

.....  
*Que os gáseos olhos pela, mesa espalha  
Por ver se há mais comer que tire ou peça,  
Entrando nele com tal fome, e pressa  
Qual faminto frisão em branda palha;*  
Nicolau Tolentino – Soneto

Oh tu quadrada Musa empavesada,  
Soberana rainha da papança,  
Borrachuda matrona insaciável  
Que tens o corpo pingue, e larga pança;

Oh tu arca bojuda que resguardas  
O profuso fardel das comidelas;  
Amazona terrível, devorante  
Té capaz de engolir mil caravelas:

Esganiça o pescoço longo-estreito,  
Em linha põe os teus animalejos,  
Os hórridos abutres, feios lobos,  
Porcos, galinhas, gatos, percevejos.

Vem à triste morada do trovista  
Um canto lhe inspirar que cheire a bife,  
Para a fama elevar dos lambareiros  
Sobre as grimpas do monte Tenerife.

Vem filha do pincel do grande Alciato  
Dourar os versos meus que, descorados,  
Não podem atrair leitores sábios,  
Amantes da lambança e bons guisados.

Derrama nestas linhas desbotadas  
O perfume odorante da linguiça,  
Do paio português, do bom salame,  
Que a fome desafia, e nos atiça.

Transmuda o negro véu da escuridão,  
Que a vista me detém, cerrando os olhos;  
Um quadro me apresenta em que divise  
Saboroso pastel com seus refolhos.

Presuntos de Lamego, perus cheios,  
*Roastebiffs*<sup>58</sup> e leitões, tenras perdizes,  
Tostado arroz de forno, nabos quentes,  
Gansos, marrecos, patos, cordonizes.

Fervendo, em níveas taças cristalinas,  
Espumante *Champagne*, jeropiga,  
O bastardo, o madeira, o porto velho –  
Que tem a via láctea na barriga.

Cerveja da godêmia<sup>59</sup>, marasquino,  
O licor de Campinas, decantado,  
Que faz sua visita, pelas *onze*,  
À gente de focinho alcantilado.

Bojudos garrafões, quartolas cheias,  
Em linha de batalha, a romper fogo,  
À súcia comilona provocando  
A gula saciar, por desafogo.

O coro das bacantes estrondosas  
Em delírio bradando o – *evohé*;  
Num canto a negra morte *esborneada*,  
Tomando uma pitada de rapé.

Fortalece meu estro, oh grande Musa,  
Estende os cantos meus pelo Universo,  
Que um hino a teus alunos se consagre,  
*Se tão sublime preço cabe em verso!*

Dos glutões já cadentes leio a fama  
Nas páginas de um livro *quinhentista*;  
Vejo a gula amolando as férreas garras,  
Para em guerra tenaz fazer conquista.

És tu valente Clódio – o fero Aníbal,  
Que rompendo na frente dos papões,  
Vais mostrar a potência gargantona  
Dos xeques da bebança, e comilões.

Refere o grão Macedo, autor de nota,  
Que só tu numa ceia chupitaste  
De saborosos figos uns quinhentos  
Além de dez melões que inda mamaste.

E, para terminar o tal repasto,  
De tordos seis dezenas consumiste,  
Do fruto da videira vinte arráteis,  
Com mais ostras quarenta que engoliste.

Melon Grotoniense, por bazófia,  
Um touro devorou, de quatro anos;  
Teógenes também, famoso atleta,  
Por aposta comeu três bois cabanos.

E Fágon, em lauta mesa – à custa alheia,  
Transportou para a pança três leitões,  
Dois carneiros, um ganso, um javali,  
De centeio cem pães, quatro melões.

Mitrídates honrou com pompa e cultos  
Os vivos sorvedouros ambulantes,  
Com prêmios distinguiu canina fome,  
Dos ávidos abutres devorantes.

Cambises rei da Lídia, em certa noite,  
Atracou-se à consorte com tal gana,  
Que a meteu inteirinha no bandulho,  
Como quem embutia uma banana!

O ébrio Filoxênio lamentava  
Um pescoço não ter de braças mil,  
Onde o vinho corresse a pouco e pouco,  
Como corre das pipas num funil.

A fecunda Bretanha viu, com pasmo,  
Um filho dessa Roma armipotente,  
Que de seixos comia cinco *arráteis*,  
Um bode semimorto, e meio quente.

E tão feia a garganta se a mostrava,  
Que em horror excedia uma cratera;  
E tão forte o apetite que nutria,  
Que a si próprio comera, se pudera!

Outros muitos heróis refere a história,  
Que deixo de narrar, por carunchosos,  
De feitos singulares, tão tremendos,  
Que os guerreiros deslustram mais famosos.

Desdobre-se a cortina bolorenta  
Sobre os nomes dos filhos lá da *estranja*;  
Repimpe-se no templo da vitória  
Os brasíleos heróis que comem *canja*.<sup>60</sup>

Vinde, oh Ninfas cheirosas dos outeiros,  
De noturnas essências perfumadas  
Mimosas cavalgando urbanos *tigres*,  
Os nomes borrifar-lhes; vinde, oh Fadas!

No vasto panteão quero que brilhem  
Os lúcidos varões do meu país;  
Em tela de algodão pintados sejam,  
Com borra de café, água de giz.

Etéreo Caravaggio trace as linhas  
Dos comilões de rúbidos toutiços,  
Que o tonel das Danaides tem por pança  
Onde cabem, sem custo, mil chouriços.

Calem-se os Celtas, Gregos e Romanos;  
Silêncio! oh tuba Aônia e Lusitana!  
Erguei-vos, oh glutões da minha pátria,  
Temos coco, caju, temos banana!

E tu, audaz Macedo, registrante,  
De ronceiras façanhas já caducas,  
Vê quebrarem-se .as guelas portentosas  
Quais se quebram no chão frágeis *cumbucas*.

Dos Clódios e Milões prodígios altos,  
Do ébrio Filoxênio heróicos feitos,  
Sem viço, desbotados, já sem cores,  
Por terra vão caindo, em pó desfeitos.  
Junto deles assoma ousado e forte,  
O dente arreganhando, um deputado,  
Que com quatro *apoiados* retumbantes<sup>61</sup>  
Nos cofres da Nação tem *manducado*.

Um longo diplomata aparvalhado<sup>62</sup>,  
Com pernas d'aranhiço, extenso pé,  
Que na Europa se fez profundo e sábio,  
No tráfico do fumo e do café.

Retumbante engenheiro de compasso,  
O lume encaixotando nos planetas,  
Metendo em *Capricórnio, Libra e Vênus* –  
O sonante metal chucha com tretas.

Centenas de empregados – *gente limpa*,  
Que os penedos não rói, por não ter dentes,  
Encaixando no fardel das comidelas  
A Pátria reduzida a dobrões quentes.

Famintos tubarões, sedentos monstros –  
Imortais tesoureiros d'obras pias,  
Que engolem pedras, o metal devoram –  
Sem que ronque a barriga em tais folias.

Os sagazes carolas d'ordens sacras,  
Vigários, andadores, sacristães,  
Que tragam num momento, Igreja e Santos  
Sem meter na contenda os capelães.

Oh, se Deus sobre a terra derramasse  
Moedas de *quintal*, causando horror,  
Inda assim saciar não poderia  
A fome dum voraz procurador!

Prestante pai da pátria – *homem de peso!*  
Entre rato e baleia – acachapado –  
Morde aqui, rói ali, *lambe* acolá –  
Mete dentro do bucho o *Corcovado*.

Se quereis, ó Leitor, ver já por terra  
Cambises, que engoliu sua consorte,  
Sim, prodígio maior vos apresento  
Um Ministro vos dou – *papal* Mavorte.

Que abusando das leis da natureza,

À mãe pátria se agarra, como louco;  
Cupita a pobre velha, e logo brada,  
(Batendo no bandulho) – inda foi pouco!...

Deixemos, pois, atrás a glória antiga,  
Das potentes gargantas esfaimadas;  
Hosanas entoemos furibundas  
As modernas barrigas sublimadas.

Que feitos gloriosos, desta laia  
Gravados viverão na lauta história,  
No perfume do vinho, e dos guisados  
Voarão sobre as asas da memória.

### FARMACOPÉIA

*Temos pimenta,  
Grato elixir,  
Que os vícios cura  
Sem afligir;  
Também sementes  
De dormideiras  
Que impáfias cura,  
E frioleiras.*  
Do autor

Primores d'além sec'lo, já caducos,  
Focinhudas raposas estufadas,  
Vinde ao vasto armazém, de *Citeréia*,  
Reformar as caraças desbotadas.

Temos carmim  
Que a face enrubra,  
Sem que a velhice  
Fatal descubra,  
Belos chinós –  
Para as *papalvas* –  
Que encobre a cuia,  
Das que são calvas.

Para o velho que sofre d'enxaquecas –  
Trovões e pataratas de barriga,  
Em seco fuzilando, sem proveito,  
Para o fero Esculápio que o fustiga –

Temos seringas,  
Lá do Pará,  
Água de Celtz,  
Mas feita cá;  
Raiz saudável

Do almeirão,  
Que cura tosse  
E catarrão.

Estulta rapariga, apavonada,  
Que campa de Doutora e sabichona,  
Cuidando, por saber *Paulo de Kock*,  
Que os foros já não tem de toleirona.

Venha que temos,  
Para lhe dar,  
Rotos calções  
P'ra consertar;  
Velhas ceroulas,  
Uma vassoura,  
Que a fama elevem  
Da tal Doutora.

Matuto que se mete a saberete,  
Esquecido do milho e das abob'ras,  
Não sabendo escrever seu próprio nome,  
Arrota que tem lido grandes obras –

Oh! para este  
Temos arreio,  
Albarda, esporas,  
Cabresto e freio;  
E se contente  
Se não mostrar  
*Rebenque* nele,  
Toca a marchar.

Marido que a consorte não recata,  
Entregue ao desvario, ao desatino;  
Que na pândega alegre não repara,  
A figura que faz de – *Constantino* –

Tem sortimento,  
Já reservado,  
Grinalda e gorra,  
*Chapéu-armado*,  
Barrete, à moda,  
Com dous raminhos,  
Para descanso  
Dos passarinhos.

Para as damas perluxas d'alto bordo,  
Que servem, nos salões, de figurinos,  
Enfeitadas bonecas de vidraça  
Que alucinam os *Vates colibrinos* –

Lindos toucados,  
De seda fina,  
Tendo na frente  
Alva cortina;  
E outros muitos  
Com reposteiros,  
Que também servem  
De mosquiteiros.

Para as *belas* amantes do *posticho*,  
Que metem barbatanas pela saia,  
Onde o vento brejeiro, remexendo,  
Deixa ver as perninhas de lacraia –

Temos balões,  
Torcida e gás –  
Estopa grossa  
Com aguarrás;  
E de farelos  
Um travesseiro,  
Para enfunar  
O alcatreiro.

Para o tolo mancebo desfrutável,  
Que cem moças namora de pancada;  
E julgando-se Adônis – na beleza,  
De perfumes se *borra*, e de pomada –

Casa de orates,  
Dieta e bichas,  
Crânio rapado,  
Lambadas fixas;  
Camisa longa,  
Purga e sal,  
Que a bola afresca,  
E cura o mal.

P'ra o torpe jornalista que não sente,  
A pena mergulhando na desonra;  
E de vícios coberto, o saltimbancos,  
Só trata de cuspir na alheia honra –

Prudência e tino,  
Critério e siso;  
Também vergonha,  
Se for preciso:  
E se esta dose  
Lhe não bastar  
Um bom cacete

Para o coçar.

Para os finos garotos, e filantes  
De cigarros de palha, ou de charutos,  
Que levam noite e dia a pedinchar,  
De carinha lavada, e muito enxutos –

Um – já não tenho<sup>63</sup> –  
Aos tais *flaudérios*,  
Que a mais é bucha –  
Fora gaudérios! –  
E se teimarem  
Com tal chincar,  
Um *quebra-queixos*,  
P'ra os desmamar.

Para os velhos carolas, marralheiros  
Que afetam de santinhos – só de dia;  
E sendo noute velha – encapotados,  
Não resistem de amor à fanfúria.

*Cheiroso* banho,  
D'alta janela,  
Que os ponha a trote,  
Fugindo d'*Ela*;  
Topada e queda,  
Nariz quebrado  
Um bom vergalho,  
Mas bem puxado,

Para o filho do pai *agonçalado*,  
*Sem brio, sem saber, sem criação*;  
Que os velhos venerandos não respeita,  
Entre ovelhas mostrando-se leão –

Quartel, chibata,  
Marinha ou praça,  
Que um cordeirinho  
O lobo faça;  
E se o tratante  
*Não for barão*,  
Morada grátis  
Na Correção,

P'ra o ancho protetor das letras pátrias  
Mais cacório que chisme<sup>64</sup> – no *fantar*;  
E que cheio d'*oral* filantropia,  
Os impressos chupita, sem pagar.

Um santo breve,

Uma defesa;  
Um *patuá*  
Contra a esperteza;  
E se o maçante  
Inda insistir,  
Sebo nas pernas –  
Toca a fugir.

Para o gênio sagaz de um *pai da pátria*,  
*Amante* da pobreza desvalida,  
Que *lambiscar* aos patetas o que pode,  
E lá mete n'aljaba fementida.

Uma denúncia,  
Com documentos,  
Onde as *ratadas*  
Pulem aos centos.  
Depois cadeia,  
Calceta ao pé;  
Que é coisa santa  
Contra o filé.

.....  
Mas basta; oh Musa minha, não prossigas.  
D'alguém desagradar já me arreceio;  
Termina, mas falando dos trovistas,  
Que malham com furor no vício feio.

“Bebem do roxo,  
“Tomam café,  
“Pitam charuto,  
“Cheiram rapé.  
“Jogam pacau,  
“Truque, manilha;  
“Quando Deus quer,  
“Também o pilha.”

#### A BORBOLETA

Sobre a açucena,  
Que no horto alveja,  
A borboleta  
Mansinha adeja;

Libando os pingos  
De orvalho brando,  
Que a nuvem loura  
Vem salpicando.

Meneia os leques  
Por entre as flores,

Que o ar perfumam  
Com seus olores.

Mimosos leques  
De cores finas,  
– Tela formosa  
Das mãos divinas,

Ora serena,  
Pairando a flux,  
Esmaltes mostra  
Do brilho à luz.

Ora nas águas  
Boiando vai,  
Qual folha seca  
Que ao vento cai.

Ao vir da aurora  
Vai do jasmim  
Beijar a cútis  
D'alvo cetim.

Ao cravo, à rosa  
Afagos presta,  
– Que a aragem sopra  
E o sol recresta.

Ao pôr da tarde  
Pousa em delírio  
Nas tenras folhas,  
Do roxo lírio.

E o frágil corpo  
Em sono brando,  
Que embala a brisa,  
Que vem soprando,

Alívio encontra  
Na solidão  
Até que d'alva  
Rompa o clarão.

QUEM SOU EU?  
(A Bodarrada<sup>65</sup>)

*Quem sou eu? que importa quem?  
Sou um trovador proscrito,  
Que trago na frente escrita  
Esta palavra – “Ninguém!” –*

Amo o pobre, deixo o rico,  
Vivo como o Tico-tico;  
Não me envolvo em torvelinho,  
Vivo só no meu cantinho:  
Da grandeza sempre longe  
Como vive o pobre monge.  
Tenho mui poucos amigos,  
Porém bons, que são antigos,  
Fujo sempre à hipocrisia,  
À sandice, à fidalguia;  
Das manadas de Barões?  
Anjo Bento, antes trovões.  
Faço versos, não sou vate,  
Digo muito disparate,  
Mas só rendo obediência  
À virtude, à inteligência:  
Eis aqui o *Getulino*  
Que no plectro anda mofino.  
Sei que é louco e que é pateta  
Quem se mete a ser poeta;  
Que no século das luzes,  
Os birbantes mais lapuzes,  
Compram negros e comendas,  
Têm brasões, não – das *Calendas*,  
E, com tretas e com furtos  
Vão subindo a passos curtos;  
Fazem grossa pepineira,  
Só pela *arte do Vieira*<sup>66</sup>,  
E com jeito e proteções,  
Galgam altas posições!  
Mas eu sempre vigiando  
Nessa súcia vou malhando  
De tratante, bem ou mal,  
Com semblante festival.  
Dou de rijo no pedante  
De pílulas fabricante,  
Que blasona arte divina,  
Com sulfatos de quinina,  
Trabuzanas, xaropadas,  
E mil outras patacoadas,  
Que, sem pingo de rubor,  
Diz a todos, que é DOUTOR!  
Não tolero o magistrado,  
Que do brio descuidado,  
Vende a lei, trai a justiça,  
– Faz a todos injustiça –  
Com rigor deprime o pobre  
Presta abrigo ao rico, ao nobre,

E só acha horrendo crime  
No mendigo, que deprime.  
– Neste dou com dupla força.  
Té que a manha perca ou torça.  
Fujo às léguas do lojista,  
Do beato e do sacrista –  
Crocodilos disfarçados,  
Que se fazem muito honrados  
Mas que, tendo ocasião,  
São mais feros que o Leão.  
Fujo ao cego lisonjeiro,  
Que, qual ramo de salgueiro,  
Maleável, sem firmeza,  
Vive à lei da natureza;  
Que, conforme sopra o vento,  
Dá mil voltas num momento.  
O que sou, e como penso,  
Aqui vai com todo o senso,  
Posto que já veja irados  
Muitos lorpas enfunados,  
Vomitando maldições,  
Contra as minhas reflexões.  
Eu bem sei que sou qual Grilo,  
De maçante e mau estilo;  
E que os homens poderosos  
Desta arenga receosos  
Hão de chamar-me tarelo,  
Bode, negro, Mongibelo;  
Porém eu que não me abalo,  
Vou tangendo o meu badalo  
Com repique impertinente,  
Pondo a trote muita gente.  
Se negro sou, ou sou bode  
Pouco importa. O que isto pode?  
Bodes há de toda a casta,  
Pois que a espécie é muito vasta...  
Há cinzentos, há rajados,  
Baios, pampas e malhados,  
Bodes negros, *bodes brancos*,  
E, sejamos todos francos,  
Uns plebeus, e outros nobres,  
Bodes ricos, bodes pobres,  
Bodes sábios, importantes,  
E também alguns tratantes...  
Aqui, nesta boa terra,  
Marram todos, tudo berra;  
Nobres Condes e Duquesas,  
Ricas Damas e Marquesas  
Deputados, senadores,  
Gentis-homens, veadores<sup>67</sup>;

Belas Damas emproadas,  
De nobreza empantufadas;  
Repimpados principotes,  
Orgulhosos fidalgotes,  
Frades, Bispos, Cardeais,  
Fanfarrões imperiais,  
Gentes pobres, *nobres gentes*  
Em todos há *meus parentes*.  
Entre a brava *militança* –  
Fulge e brilha alta *bodança*;  
Guardas, Cabos, Furriéis,  
Brigadeiros, Coronéis,  
Destemidos Marechais,  
Rutilantes Gerais,  
Capitães-de-mar-e-guerra,  
– Tudo marra, tudo berra –  
Na suprema eternidade,  
Onde habita a Divindade,  
Bodes há santificados,  
Que por nós são adorados.  
Entre o coro dos Anjinhos  
Também há muitos bodinhos. –  
O amante de Siringa  
Tinha pêlo e má catinga;  
O deus Mendes, pelas costas,  
Na cabeça tinha pontas;  
Jove quando foi menino,  
Chupitou leite caprino;  
E, segundo o antigo mito,  
Também Fauno foi cabrito.  
Nos domínios de Plutão,  
Guarda um bode o Alcorão;  
Nos lundus e nas modinhas  
São cantadas as bodinhas:  
Pois se todos têm *rabicho*,  
Para que tanto capricho?  
Haja paz, haja alegria,  
Folgue e brinque a bodaria;  
Cesse pois a matinada,  
Porque tudo é *bodarrada!* –

#### O JANOTA

Sou bonito, sou da moda,  
Chibatão de belo gosto;  
Sou gamenho, tendo garbo,  
Porte airoso e bem composto.

Vivo alegre, passo à larga,

Tenho trinta namoradas,  
– Dez viúvas, seis donzelas  
Sete velhas , não casadas.

Quatro negras, cinco cabras,  
Sem contar certa mulata  
E a vizinha, que é zanaga.  
Com seu *beque*<sup>68</sup> de fragata.

Aias, amas e criadas,  
Das matronas que apontei,  
Baronesas e Condessas,  
E mais outras, que eu só sei.

Dos janotas sou modelo,  
Figurino abalado,  
Calça larga, mangas fofas,  
Cabelinho bem frisado.

A luneta ao olho presa,  
Sapatinho envernizado.  
Casaquim à *Dom Murzelo*  
E o casquete afunilado.

Faço andar em roda viva,  
Mil cabeças d’alto bordo;  
Mas se um vil credor esbarro,  
Foge o sonho, então acordo!

E de Rodes qual colosso,  
Fico mudo, altivo e quedo;  
Ouço a lenda impertinente,  
Sem tugar – como um penedo.

Após um vem grosso bando,  
Este grasna, aquele ruge,  
Rosna o lorpa taberneiro,  
Todo o resto orneja e muge.

Perfilando o colarinho,  
Que da orelha passa além,  
Corro a mão nas algibeiras,  
Mas não puxo nem vintém!

Berra o criado,  
Grita o barbeiro;  
– Quero dinheiro!  
Que frioleira!  
Eu que, sem *gimbo*<sup>69</sup>.  
Ando pulando,

Vou me safando  
Que pagodeira!

Eis que de um canto  
Salta, raivosa,  
A gordurosa  
Da cozinheira;  
Pede os salários,  
Fala em tomate,  
– Eu, em remate,  
Dou-lhe a traseira!

Chora de raiva,  
– Pobre coitada;  
Que *vinagreira*!  
Eu sou da moda,  
Chupo o meu trago,  
Como o não – pago,  
– Por brincadeira.

E se há quem diga,  
Que sou tratante,  
Sagaz birbante,  
É maroteira;  
Porque só finto  
Parvos mascates,  
Maus alfaiates,  
– Por bandalheira.

Também por mofa,  
Logro os lojistas,  
Foros cambistas,  
De mão ligeira;  
Abelhas mestras,  
Ratões livreiros,  
Os sapateiros,  
E a engomadeira.

Que santa vida,  
Meu anjo Bento,  
Oh que portento,  
Que pepineira!  
Sempre folgando,  
Sem ter cuidado,  
Ser namorado,  
– Que pagodeira!

Quem deve e paga  
Não tem miolo,  
É parvo, é tolo,

Não tem bom tino.  
Viva a chibança,  
Vá de tristeza,  
Morra a pobreza,  
Que isto é divino!

#### LAURA

Aqui, ó Laura,  
Nó teu jardim,  
Pétalas colho  
D'alvo jasmim.

Delas rescende  
Doce fragrância,  
Quais meigos sonhos  
Da tua infância.

As plúmbeas nuvens,  
Já fugitivas,  
Os ermos buscam,  
Serras esquivas.

Plácida lua  
Nos Céus alveja,  
Prateia os lagos,  
E as flores beija.

Aqui, ó Laura,  
Teus olhos garços,  
Na linfa clara,  
Nos Céus esparsos.

Lânguidos brilham  
Nestas estrelas,  
Que as brandas ondas  
Retratam belas.

Na cor de rosa,  
A luz da lua,  
Risonha vejo  
A face tua.

Carmíneos lábios  
Nos rubros cravos,  
Que n'hástea pendem,  
Quais melios favos.

Teu níveo colo  
– Na estátua erguida

Do amor de Tasso  
– Da bela Arminda.

Na onda breve  
O arfar do seio,  
Que a aragem move  
Com brando enleio.

Dos mal-me-querer  
Áureos novelos  
Os anéis fingem  
Dos teus cabelos.

Da violeta  
Na singeleza  
Tua alma vejo,  
Tua pureza

Ergue-te, ó Laura,  
Do brando leito,  
Dá-me em teu peito  
De amor gozar;  
Um volver d'olhos,  
Um beijo apenas  
Entre as verbenas  
Do teu pomar.

Não fujas, Laura,  
Vem a meus braços  
Leva-me vida  
Nos teus abraços...

Lá surge um Anjo!  
Oh Céus, é ela!  
– Estrela vésper  
De luz singela!

Cobre-lhe os membros  
Alva roupagem,  
Que manso agita  
Suave aragem.

Longos cabelos  
Belos se estendem,  
E em ondas de ouro  
Dos ombros pendem.

A ela corro  
Tento abraçá-la  
Recurvo os braços,

Mas sem tocá-la!

Era um Arcanjo  
De aéreo sonho  
No ar perdeu-se  
Ledo e risonho.

Laura formosa  
No leito estava,  
Dos meus lamentos.  
Só desdenhava.

Já a luz do dia  
Renasce além,  
Debalde espero,  
Laura não vem.

Não têm meus versos  
Beleza tanta,  
Que ouvi-los possa  
Quem tudo encanta.

Naquele peito  
De olente flor,  
Paixões não entram,  
Não entra amor.

.....  
Era uma estátua – exemplo de beleza,  
E como ela de mármore tinha o peito!

### QUE MUNDO É ESTE?

Que mundo? que mundo é este?  
Do fundo seio d'est'alma  
Eu vejo... que fria calma  
Dos humanos na fereza!  
Vejo o livre feito escravo  
Pelas leis da prepotência;  
Vejo a riqueza em demência  
Postergando natureza

Vejo o vício entronizado;  
Vejo a virtude caída,  
E de coroas cingida  
A estátua fria do mal;  
Vejo os traidores em chusma  
Vendendo as almas impuras,

Remexendo as sepulturas  
Por preço d'áureo metal.

Vejo fidalgos d'estopa,  
Ostentando os seus brasões,  
Feio enxerto de dobrões  
Nos troncos da fidalgia;  
Vejo este mundo às avessas,  
Seguindo fatal derrota,  
Em quando farfante arrota  
Podres grandezas de um dia!

Brônzea estátua – o rico surdo  
Aos tristes ais da pobreza  
Amostra com vil rudeza  
Uma burra aferrolhada;  
Manequim de estupidez  
No orgulho vão da cobiça  
Tem por divisa cediça  
– Alguns vinténs e mais nada.

O poder é só dos Cresos,  
A ciência é de encomenda;  
Sem capital e sem renda  
Com pouco peso – o que val <sup>70?</sup>  
Talentos – palavões ocios! –  
Que nunca deixaram saldo;  
Não há sustância no caldo  
Que não tempera o metal!

Sisudez... que feia másc'ra<sup>71!</sup>  
Isso é peste, isso é veneno!  
Se é pobre, nasceu pequeno,  
Quem aspira a posição?!  
Não vê que é grande toleima  
Querer subir sem moeda,  
Pois não escapa de queda  
Quem teve um leito no chão!

Que se empertigue enfunado  
Algum sandeu que traz marca...  
Reparem que a bisca embarca  
Que leva à vela o batel!  
E o povo que o vê fulgindo  
Com lantejoulas brilhantes  
Não olha p'ra o que foi d'antes,  
E nem lhe enxerga o xarel<sup>72!</sup>

E o mais é que zune e grasna  
O pateta aparvalhado!

Parece que é deputado  
Os ministros fulminando;  
Grita, berra, espinoteia,  
Calunia, faz intriga,  
Mas logo fala a barriga,  
E vai a teta chupando!

Digam lá o que quiserem  
Fale embora o maldizente;  
Eu bem sei que tudo mente,  
Sei que o mundo tem razão;  
Se eu tivesse na algibeira  
Alguns cobres, que ventura! –  
Mudava o nome, a figura,  
Ficava logo *Barão!*

#### O BARÃO DA BORRACHEIRA

*Quando pilho um desses nobres,  
Ricos só d'áureo metal  
Mas d'espírito tão nobres  
Que não possuem real.  
Não lhes saio do costado;  
– Sei que é trabalho baldado,  
Porque a pele dura tem;  
Mas eu fico satisfeita,  
Que o meu ferrão só respeita  
A virtude, e mais ninguém!*

Faustino Xavier de Novais – “A Vespa”

Na Capital do Império Brasileiro,  
Conhecida pelo – Rio de Janeiro,  
Onde a mania, grave enfermidade,  
Já não é, como d'antes, raridade;

E qualquer paspalhão endinheirado  
De nobreza se faz empanturrado –  
Em a rua, chamada, do Ouvidor,  
Onde brilha a riqueza, o esplendor,  
A porta de um modista, de Paris,  
Lindo carro parou – Número – X –,  
Conduzindo um volume, na figura,  
Que diziam, alguns, ser criatura,  
Cujas formas mui toscas e brutais,  
Assemelham-na brutos animais.  
Mal que da sege salta<sup>73</sup> a raridade  
Retumba a mais profunda hilaridade.  
Em massa corre o povo, apressuroso,  
Para ver o volume monstruoso;  
De espanto toda gente amotinada

Dizia ser coisa endiabrada!

Uns afirmam que o bruto é um camelo,  
Por trazer no costado cotovelo,  
É asno, diz um outro, anda de tranco,  
Apesar do focinho d'urso-branco!  
Ser jumento aquele outro declarava,  
Porque longas orelhas abanava.  
Recresce a confusão na inteligência,  
O bruto não conhecem *d'excelência!*  
Mandam vir do Livreiro Garnier,  
Os volumes do grande Couvier;  
Buffon, Guliver, Plínio, Columela;  
Morais, Fonseca, Barros e Portela;  
Volveram d'alto a baixo os tais volumes,  
Com olhas de luzentes vagalumes,  
E desta nunca vista raridade  
Não puderam notar a qualidade!

Vencido de voraz curiosidade  
O povo percorreu toda cidade;  
As caducas farmácias, livrarias,  
As boticas, e vãs secretarias;  
E já todos a fê perdido tinham,  
Por verem que o brutal não descobriam,  
Quando idéia feliz, e luminosa,  
Na cachola brilhou dum *Lampadosa*;  
Que excedendo em carreira os finos galgos,  
Lá foi ter à *Secreta dos fidalgos*;  
E dizem que encontrara registrado  
O nome do colosso celebrado:  
Era o grande *Barão da Borracheira*,  
Que seu título comprou na *régia feira!*...

#### A CATIVA

*Uma graça viva  
Nos olhos lhe mora,  
Para ser senhora  
De quem é cativa.  
Camões*

Como era linda, meu Deus!  
Não tinha da neve a cor,  
Mas no moreno semblante  
Brilhavam raios de amor.

Ledo o rosto, o mais formoso,  
De trigueira coralina,  
De Anjo a boca, os lábios breves

Cor de pálida cravina.

Em carmim rubro engastados  
Tinha os dentes cristalinos;  
Doce a voz, qual nunca ouviram  
Dúlios bardos matutinos.

Seus ingênuos pensamentos  
São de amor juras constantes;  
Entre a nuvem das pestanas  
Tinha dois astros brilhantes.

As madeixas crespas negras,  
Sobre o seio lhe pendiam,  
Onde os castos pomos de ouro  
Amorosos se escondiam.

Tinha o colo acetinado  
– Era o corpo uma pintura –  
E no peito palpitante  
Um sacrário de ternura.

Límpida alma – flor singela  
Pelas brisas embalada,  
Ao dormir d'alvas estrelas,  
Ao nascer da madrugada.

Quis beijar-lhe as mãos divinas,  
Afastou-mas – não consente;  
A seus pés de rojo pus-me  
– Tanto pode o amor ardente!

Não te afastes lhe suplico,  
És do meu peito rainha;  
Não te afastes, neste peito  
Tens um trono, mulatinha!...

Vi-lhe as pálpebras tremerem,  
Como treme a flor louçã,  
Embalando as néveas gotas  
Dos orvalhos da manhã.

Qual na rama enlanguescida  
Pudibunda sensitiva,  
Suspirando ela murmura;  
Ai, senhor, eu sou cativa!...

Deu-me as costas, foi-se embora  
Qual da tarde do arrebol  
Foge a sombra de uma nuvem

Ao cair da luz do sol.

### SONETO

Sob a copa frondosa e recurvada  
De enorme gameleira, Secular,  
Sentado numa ufa a se embalar  
Estava certa moça enamorada.

Eis que rola dos ramos inflamada  
Tremenda jararaca a sibilar;  
Fica a jovem na corda, sem parar,  
Como a Ninfa de amor eletrizada!

Anjo Bento! exclamaram os circunstantes;  
– Foge a cobra de horrenda catadura,  
Os olhos revolvendo coruscantes.

Mas a bela moçoila com frescura  
Num sorriso acrescenta – é das amantes  
Nem das serpes temer a picadura.

### NOVO SORTIMENTO DE GORRAS PARA A GENTE DE GRANDE TOM

*De repente, magoado  
Da carapuça maldita,  
Qual possesso, o pobre grita  
Contra o fabricante ousado!  
Debalde o artista, coitado,  
Já de receio convulso  
Quer provar que nobre impulso  
O move, quando trabalha!  
– A carapuça que talha  
Ninguém crê ser feita avulso!  
Faustino Xavier de Novais*

Se estudante que vive à barba longa,  
Excedendo, no grito, uma araponga,  
Braveja contra o *fero despotismo*,  
No lethes sepultando o servilismo;  
E depois quando chega a ser doutor,  
Se transforma em cediço adulator;  
Permuta consciência por dinheiro,  
E se faz, do Governo, fraldiqueiro:  
Não te espantes, Leitor, desta mudança,  
São milagres da Deusa da pitação.

Se vires um tratante ou embusteiro,  
Com tretas, iludindo ao mundo inteiro,  
A todos atirando horrendo bote,  
Sem haver quem o coce a calabrote;  
Se vires o critério desprezado,  
O torpe ratoneiro empoleirado,  
Orelhudos jumentos – de gravatas,  
E homens de saber a quatro patas:  
Não te espantes, Leitor, da barbaria,  
Que é Deusa do Brasil, a bruxaria.

Se dormem de bolor encapotadas,  
Róidas do gusano, esfarrapadas,  
Nossas Leis, sentinelas vigilantes,  
D'empregados remissos e tratantes;  
Se o Júri criminal, da nossa terra,  
Postergando o direito, sempre aberra,  
Punindo com rigor pobres mofinos,  
E dando liberdade aos assassinos:  
Chiton, pio Leitor, não digas nada –  
A Lei, cá no Brasil, é patacoada.

Se perluxo e dengoso magarefe,  
Com passinhos de dança, *tefe-tefe*,  
Entre as damas pretende ser Cupido,  
Mas, chupando codilho, sai corrido;  
Se um varão de coroa, digo, Padre,  
Por obra do *divino*, c'a comadre,  
Fabrico deu filhinho, por brinquedo,  
Impinge no marido – psiu!... segredo!  
É que sobre a sacristia mais constante  
Imperam os decretos de Tonante.

Se o pobre, do trabalho extenuado,  
Num dia de prazer fica *monado*;  
E a ronda, que *tropeça e cambaleia*,  
Encaixa o miserando na cadeia;  
Se fortes Brigadeiros, Coronéis,  
Habitam as tabernas, e hotéis;  
A gente do bom-tom, os Deputados,  
Se *torram* e não saem encarcerados  
É que a *pinga*, entre nós, esta vedada  
Àqueles que não têm gola bordada.

Se o maçante orador, estuporado,  
Ardente por chupar seu – apoiado,  
Excita o apetite à parceirada  
Com cediça modéstia enfumaçada;  
E, depois, diz, que a rosa tem perfume,  
Que esvoaça de noite o vagalume,

Que o tabaco se toma pelas ventas,  
E que as coisas benzidas ficam bentas:  
É que fofa sandice, os disparates,  
Empanturram a casa dos orates.

Se um tolo aparvalhado sem juízo,  
Se arvora em literato, d'improviso,  
Arrota erudição – em pleno dia  
Esbarra de nariz na ortografia;  
E outros que nas letras são mofinos,  
Vão mostrando ao pateta os desatinos,  
Curvando-se ao provérbio, mui sabido;  
– *Que o farrapo se ri do descosido.*  
É que os cegos não andam pelos nobres,  
Mas seguros à mão dos outros pobres.

Se o homem que nasceu pra sapateiro,  
E em direito, pretende ser *Guerreiro*,  
Sovelando de rijo no *Lobão*,  
– Ferra o dente na velha *Ordenação*;  
Se o lorpa que nasceu para jumento,  
Não tendo cinco réis de entendimento,  
Banido da ciência, bestalhão,  
Por força do dinheiro, sai Barão:  
É que a honra, a virtude, a inteligência,  
Não passam de estultícia ou vil demência.

Se erudito doutor, *filosofal*,  
Querendo dar noções do animal,  
Nos demonstra que a pata põe o ovo,  
E dele brota o pinto, ainda novo;  
Que segundo os regimes da natura,  
Difere do cavalo na figura;  
E metido entre a cruz e a caldeirinha  
Vai dar co'a explicação lá na casinha;  
É que o néscio chegou a sabichão  
Por milagre de santa proteção.

Se torto alambazado palrador,  
Mais tapado que *chucro borrador*,  
Testo imbróglío tecendo impertinente,  
De camelo, que era, se faz gente;  
E cansando os humanos com sandices,  
Por verdades impinge parvoíces;  
Já roncando saber, qual tempestade,  
Ser nas letras pretende potestade,  
É que o néscio, coitado, não trepida,  
Sobre os ares formar pétrea guarida.

Se esquentado patola às Musas dado,

Vai, a esmo, trovando sem cuidado;  
E cedendo aos arroubos do talento,  
Mais rápido se faz que o rijo vento;  
E os pólos devassando mui lampeiro,  
Sustenta que Netuno foi barbeiro;  
Escrevendo tolices de pateta,  
Consegue, sem o – Crisma – ser poeta:  
É que Apolo sustenta bizzaria,  
E cavalos precisa à estrebaria.

Eu, que inimigo sou do fingimento,  
Em prosa apoquentado sem talento,  
Apenas soletrando o b - a - bá,  
Empunho temeroso o *maracá*.  
Não posso suportar fofos *Barões*,  
Que trocam a virtude por dobrões;  
Qual vespa, esvoaçando, atroz picante,  
Com sátira mordaz, sempre flamante,  
Picando, picarei por toda a parte,  
Se a tanto me ajudar ferrão e arte.

#### RETRATO DE UM SABICHÃO

*Vá de retrato  
Por consoantes,  
Que eu sou Timantes  
De um nariz de Tucano cor de Pato.  
Gregório de Matos*

Telas desprezo,  
Liso marfim,  
Rubro carmim,  
Para a cara pintar do estulto Creso.

Só quero, Apeles,  
Lápis grosseiro,  
Negro tinteiro,  
Que o lorpa que retrato é muito reles.

Em roto esquite  
Traço o desenho,  
Com tal empenho  
Que esculpo de improviso tal patife.

Ventas de mono,  
Olhar sisudo,  
Altivo e mudo,  
Como quem de pensar perdera o sono!

Fronte quadrada,

Tendo de espeque  
Um curvo beque<sup>74</sup>,  
Pendente da caraça mal chanfrada.

Nariz de vara,  
E companhia,  
Que em pleno dia  
Conserva noite escura em toda cara.

Franzida a testa,  
Longas beiçolas  
Tem o tal bolas,  
Que os lares de Minerva horrendo empesta,

Grandes orelhas  
De burro velho,  
E um chavelho  
Sobre a colmeia de áticas abelhas.

Hirsuto o pêlo;  
De porco-espinho,  
Lato o focinho,  
Que de vaca não é, nem de camelo.

Olhos vidrados  
Entre altaneira  
Negra viseira,  
Que dois montes parecem recurvados.

Rubras bochechas,  
Engorduradas<sup>75</sup>,  
E tão inchadas  
Que parecem de mero amplas ventrechas!

Rotunda a pança,  
Azabumbada,  
Que em trovoada  
Traz o gordo cetáceo – em contradança.

Pernas de croque,  
Atesouradas,  
E tão vergadas  
Que dois arcos parecem de bodoque.

Fofa beócio,  
Com ar de nico<sup>76</sup>;  
Grosseiro mico  
Entre os sábios metido a capadócio.

Toma juízo,

Deixa a luneta,  
Torto cambeta,  
Que essa tosca figura causa riso.

Não sejas tolo,  
Deixa o Baucher,  
E Pothier,  
– Tens vazia a cachola, sem miolo.  
Não toma esturro,  
Bruto eiviçon;  
Larga o Rogran,  
Que eu já vi de pensar morrer um burro.

Toma o conselho,  
Que te hei dado;  
Marcha, tapado,  
Vai mirar essa cara num espelho.

## NUM ÁLBUM

É mania!

Ora quer, porque quer, o meu amigo,  
O perluxo e dengoso Zé Maria,  
Que eu mil versos troveje, retumbantes,  
Num álbum que possuí, só por mania!

Não vê nem pensa  
O caro amigo,  
Que a musa esquiva  
Não toma abrigo,  
No teso crânio  
De um mau tarelo,  
Que por miolos  
Só tem farelo!

Bem sei que a estupidez, de enormes patas  
Qual Ícaro pateta aos ares voa,  
Mas sem tino, perdida entre as esferas,  
N'altas nuvens tropeça e cai à-toa.

Assim capengas  
Qualificados,  
Vão rabiscando,  
Entusiasmados,  
Gostosos versos,  
Com reumatismo,  
Que bichas pedem,  
E sinapismo.

Porém o que fazer em tais apuros,

Se o amigo reclama versalhada?  
– Traçar sobre o papel com mão singela  
O retrato da Bela sua amada.

Potentes versos  
Requer o caso,  
Do grande Homero  
Torquato ou Naso!  
Silêncio, ó Vates,  
Que eu vibro a lira!  
– Ciprina treme,  
E amor suspira!

Tem rosto ameloado – é pão de broa,  
Nariz de funil velho acachapado,  
Por sobr'olhos altivas ribanceiras,  
Pescoço de cegonha esgrouvinhado.

Limosos dentes,  
De cor incerta,  
A boca torta,  
Que mal se aperta;  
Pendidos beiços,  
Abringelados,  
Onde o – *Cazuza*.  
Põe seus cuidados.

O corpo é um tonel empanzinado,  
Por pés tem duas lanchas ou saveiros,  
Por braços mastaréus sem cordoalhas,  
Por tetas dois terríveis travesseiros.

Tem barbatanas,  
Como baleia,  
Carão, enfim,  
De lua-cheia;  
Renga de um quarto,  
A gâmbia esguia,  
– Eis por quem morre  
O Zé Maria!

Não cores, meu amigo, do retrato,  
Pois que a Ninfa é prendada – tem dinheiro;  
É filha de um Barão – homem de peso  
Que do teu velho pai foi cozinheiro.

Cerra os ouvidos  
Aos que murmuram,  
Parvos, beócios,  
Que a raça apuram,  
Empolga a chelpa  
Faz-te bizarro,  
Dá na pobreza  
Um forte esbarro.

## MINHA MÃE

*Minha mãe era mui bela,  
– Eu me lembro tanto dela,  
De tudo quanto era seu!  
Tenho em meu peito guardadas.  
Suas palavras sagradas  
C'os risos que ela me deu.  
Junqueira Freire*

Era mui bela e formosa,  
Era a mais linda pretinha,  
Da adusta Líbia rainha,  
E no Brasil pobre escrava!  
Oh, que saudades que eu tenho  
Dos seus mimosos carinhos,  
Quando c'os tenros filhinhos  
Ela sorrindo brincava.

Éramos dois – seus cuidados,  
Sonhos de sua alma bela;  
Ela a palmeira singela,  
Na fulva areia nascida.  
Nos roliços braços de ébano.  
De amor o fruto apertava,  
E à nossa boca juntava  
Um beijo seu, que era a vida.

Quando o prazer entreabria  
Seus lábios de roixo lírio,  
Ela fingia o martírio  
Nas trevas da solidão.  
Os alvos dentes nevados.  
Da liberdade eram mito,  
No rosto a dor do aflito,  
Negra a cor da escravidão.  
Os olhos negros, altivos,  
Dois astros eram luzentes;  
Eram estrelas cadentes  
Por corpo humano sustidas.  
Foram espelhos brilhantes  
Da nossa vida primeira,  
Foram a luz derradeira  
Das nossas crenças perdidas.

Tão terna como a saudade  
No frio chão das campinas,  
Tão meiga como as boninas  
Aos raios do sol de Abril.

No gesto grave e sombria,  
Como a vaga que flutua,  
Plácida a mente – era a Lua  
Refletindo em Céus de anil.

Suave o gênio, qual rosa  
Ao despontar da alvorada,  
Quando treme enamorada  
Ao sopro d’aura fagueira.  
Brandinha a voz sonora,  
Sentida como a Rolinha,  
Gemendo triste sozinha,  
Ao som da aragem faceira.

Escuro e ledó o semblante,  
De encantos sorria a fronte,  
– Baça nuvem no horizonte  
Das ondas surgindo à flor;  
Tinha o coração de santa,  
Era seu peito de Arcanjo,  
Mais pura n’alma que um Anjo,  
Aos pés de seu Criador.

Se junto à cruz penitente,  
A Deus orava contrita,  
Tinha uma prece infinita  
Como o dobrar do sineiro,  
As lágrimas que brotavam,  
Eram pérolas sentidas,  
Dos lindos olhos vertidas  
Na terra do cativoiro.

#### NO CEMITÉRIO DE S. BENEDITO

Da cidade de S. Paulo

*Também do escravo a humilde sepultura*

*Um gemido merece de saudade:*

*Ah caia sobre ela uma só lágrima*

*De gratidão ao menos.*

Dr. Bernardo Guimarães

Em lúgubre recinto escuro e frio,  
Onde reina o silêncio aos mortos dado,  
Entre quatro paredes descoradas,  
Que o caprichoso luxo não adorna,  
Jaz de terra coberto humano corpo,  
Que escravo sucumbiu, livre nascendo!  
Das hórridas cadeias desprendido,  
Que só forjam sacrílegos tiranos,  
Dorme o sono feliz da eternidade.

Não cercam a morada lutuosa  
Os salgueiros, os fúnebres ciprestes,  
Nem lhe guarda os umbrais da sepultura  
Pesada laje de espartano mármore,  
Somente levantado em quadro negro  
Epitáfio se lê, que impõe silêncio!  
– Descansam neste lar caliginoso  
O mísero cativo, o desgraçado!...

Aqui não vem rasteira a vil lisonja  
Os feitos decantar da tirania,  
Nem ofuscando a luz da sã verdade  
Eleva o crime, perpetua a infâmia.

Aqui não se ergue altar ou trono d'ouro  
Ao torpe mercador de carne humana.  
Aqui se curva o filho respeitoso  
Ante a lousa materna, e o pranto em fio  
Cai-lhe dos olhos revelando mudo  
A história do passado. Aqui nas sombras  
Da funda escuridão do horror eterno,  
Dos braços de uma cruz pende o mistério,  
Faz-se o cetro bordão, andrajo a túnica,  
Mendigo o rei, o potentado escravo!

<sup>1</sup> Atualmente o nome do poeta (1492-1556) costuma ser atualizado para “Aretino”, porém, neste caso, perderia a rima.

<sup>2</sup> Instrumento musical africano usado no candomblé e na capoeira.

<sup>3</sup> Ciência misteriosa exclusiva dos sacerdotes do candomblé.

<sup>4</sup> Galfarros, de etimologia espanhola, guarda dois sentidos, oficial de polícia/beleguim ou comilão. Considerando o primeiro sentido o verso pediria vírgula e ficaria “Galfarros, Diplomatas – chuchadores,”. No segundo sentido, o adjetivo qualificaria o substantivo que o segue e seria grafado sem vírgula “Galfarros Diplomatas – chuchadores,”. Em ambos os casos, “chuchadores” qualificariam os “espertos eleitores de encomenda” e o que segue nos versos acima do destaque.

<sup>5</sup> **Nota do autor:** Danças animadas, às quais presidem os seres transcendentais.

<sup>6</sup> Na edição de 1859, “Já nos fúlgidos umbrais”, segundo Lígia Fonseca Ferreira.

<sup>7</sup> Na edição de 1859, “Trajando púrpura majestoso vinha”, segundo Ferreira.

<sup>8</sup> Na edição de 1859, “E, com furtiva luz, sumidas iam.”, segundo Ferreira.

<sup>9</sup> No original “endeixas”.

<sup>10</sup> Cresos, rei da Lídia, famoso pela sua riqueza proveniente das areias auríferas do seu reino.

<sup>11</sup> Planta com propriedades purgativas.

<sup>12</sup> Na edição de 1859, “louco” ao invés de “lorpa”.

<sup>13</sup> Alusivo a “macadame”, calçamento de pedras para cobrir as enlameadas ruas das cidades brasileiras, novidade inventada por John London MacAdams, segundo Ferreira.

<sup>14</sup> Na edição de 1859, “abismando” no lugar de “sepultando”.

<sup>15</sup> Na edição de 1859, o verso está “Dos povos apregoa a igualdade”.

<sup>16</sup> Na edição de 1859, a estrofe tem a apresentação “Abrem-se as portas,/Entra o velhote;/Qual de azeitonas,/Grosso ancorote.”

<sup>17</sup> Variação de “falatório”.

<sup>18</sup> Por “cupidinárias”.

<sup>19</sup> Estúpido.

<sup>20</sup> Filinto Elísio, pseudônimo árcade do padre Francisco Manuel do Nascimento, 1734-1819.

<sup>21</sup> Na edição consultada está “Cost”.

<sup>22</sup> Na edição consultada o verso termina em (.).

- 
- <sup>23</sup> Na edição de 1859, “Calcando as algemas férreas”.
- <sup>24</sup> Janota, malandro, indivíduo afetado.
- <sup>25</sup> Fanfarrão.
- <sup>26</sup> Forma antiga e popular para “pímulas”. Note-se que Morais Silva registra “pímulas”, no plural, como equivalente a pessoa tola ou esquisita.
- <sup>27</sup> “Compositor de trabuzanas” equivaleria à um compositor de melodias confusas e desmedidas.
- <sup>28</sup> Médico e filósofo árabe (1126-1198).
- <sup>29</sup> Capenga.
- <sup>30</sup> Raquítico.
- <sup>31</sup> Relativo a “hírto”.
- <sup>32</sup> No original, em minúscula.
- <sup>33</sup> Uma forma arcaica de “aspecto”, segundo Ferreira.
- <sup>34</sup> No original “A tramontana”.
- <sup>35</sup> Manquejantes, coxas.
- <sup>36</sup> Rodamoinho.
- <sup>37</sup> Os dicionários modernos preferem a forma “pexote” e aceitam “pixote”. Entretanto, foi mantida a forma da edição consultada para que se mantivesse a rima com o verso seguinte na forma proposta ali.
- <sup>38</sup> O mesmo se aplica para Quixote, mesmo registrando-se que esta segunda forma segue a grafia do nome do herói grafada na capa da primeira edição do romance, em língua espanhola.
- <sup>39</sup> Tendo em vista o assunto de que tratam os versos, “descretou”, seria uma combinação entre “excretou” com o referido “decretou”, para aludir aos efeitos das pímulas. Corrigido para “decretou” por Ferreira, porém ficamos com a provável licença poética.
- <sup>40</sup> Equivalente à “furtiva”, “pálida”.
- <sup>41</sup> A forma culta contemporânea prefere “berimbau”, porém foi mantida a forma popular.
- <sup>42</sup> No original “A menos”.
- <sup>43</sup> Na edição de 1859 está “escurecido”, segundo Ferreira.
- <sup>44</sup> Na edição de 1859, o último verso está “E rotunda a cabeça, mas vazia.”, segundo Ferreira.
- <sup>45</sup> Na edição de 1859, o verso está “Elogios frondosos em jornais”, segundo Ferreira.
- <sup>46</sup> Na edição de 1859, o verso está “Igualam, no saber, o vinhateiro.”, segundo Ferreira.
- <sup>47</sup> Na edição de 1859, os dois últimos versos estão “E, na festa da glória o mundo veja/ Que, do Pundo ao Panaso o cume beija.”, segundo Ferreira.
- <sup>48</sup> Enganador.
- <sup>49</sup> Relativo a ficar preto ou negro.
- <sup>50</sup> Magra, desalinhada.
- <sup>51</sup> “Sumaca” se refere à “carne-seca”, “magreza extrema”; e “desarmada” é relativa ao verbo “desestruturar”, desmontar.
- <sup>52</sup> Trouxa de retalhos e roupas velhas.
- <sup>53</sup> Na edição de 1859, o verso está “Que de Pompéia sumiu a pobre gente”, segundo Ferreira.
- <sup>54</sup> Na edição de 1859, os dois últimos versos estão “E na boça rotunda da cachola/ Só dizem que preside a c’raminhola!”, segundo Ferreira.
- <sup>55</sup> Na atualidade a grafia foi corrigida para “sacripanta”, porém, neste caso, a rima sofreria prejuízo.
- <sup>56</sup> “Antipotente”, como está na edição de Romão da Silva, funcionaria regido pelo prefixo “anti”, referente a contrário, oposição. “Altipotente”, como indica Ferreira, funcionaria regido pelo prefixo “alti”, referente a elevado, superior.
- <sup>57</sup> Faixa de tecido que o sacerdote usa nas liturgias.
- <sup>58</sup> Grafia utilizada na edição consultada.
- <sup>59</sup> Não foi encontrado a referência para “godêmia”. Houaiss apresenta “godeme” como referente a “inglês”, “habitantes da Inglaterra que vieram ao Brasil, a partir da abertura dos portos”, e Morais Silva apresenta “godenho” como designando “cascas de uva”.
- <sup>60</sup> Uma referência a d. Pedro II, cuja preferência gastronômica era a canja.
- <sup>61</sup> Na edição de 1859, “Que com quatro discursos sem tempero”, segundo Ferreira.
- <sup>62</sup> Na edição de 1859, “alargatado” ao invés de “aparvalhado”, segundo Ferreira.
- <sup>63</sup> Na edição de 1859, “já acabou-se”, segundo Ferreira.
- <sup>64</sup> Percevejo.
- <sup>65</sup> Sob o título que vai apresentado entre parênteses, este é o poema mais famoso de Luís Gama.
- <sup>66</sup> Padre Antônio Vieira, denunciava em seus *Sermões* os desmandos da colonização portuguesa. Um destes textos recebeu o título de “A arte de furtar”.
- <sup>67</sup> Servidor da corte.

---

<sup>68</sup> A edição de Romão da Silva grafa “breque”, equivalente à freio ou carruagem. Ferreira corrige para “beque”, equivalente a narigão, preferido aqui.

<sup>69</sup> Variação de “jimbo” aceita pelo *Dicionário Houaiss*.

<sup>70</sup> “Val” por “vale” para rimar com “metal”, quatro versos adiante.

<sup>71</sup> A edição de Romão da Silva corrige para “máscara”. Nós ficamos com a forma da edição consultada.

<sup>72</sup> O mesmo que “xairrel”, relativo à xale ordinário ou vestido velho.

<sup>73</sup> Na edição de 1859 está “sai”, segundo Ferreira.

<sup>74</sup> Nariz grande.

<sup>75</sup> Na edição consultada está no masculino, mas, neste caso, perderia a rima.

<sup>76</sup> No sentido bocageano, “nico” equivaleria à “diabo”, conforme o verso “Faz caretas ao povo com ar de nico”, soneto 353, *Obras Poéticas*, volume I.